



Everardo Rocha e José Carlos Rodrigues

CORPO e CONSUMO

Roteiro de estudos e pesquisas

EDITORA
PUC
RIO



Reitor

Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ

Vice-Reitor

Pe. Francisco Ivern Simó SJ

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Luiz Carlos Scavarda do Carmo

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento

Prof. Sergio Bruni

Decanos

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade (CTCH)

Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)

Prof. Luiz Alencar Reis da Silva Mello (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBM)

Everardo Rocha e José Carlos Rodrigues

CORPO e CONSUMO

Roteiro de estudos e pesquisas



© Editora PUC-Rio
Rua Marquês de S. Vicente, 225
Projeto Comunicar – casa Agência/Editora
22451-900 | Gávea – Rio de Janeiro, RJ
Telefax: (21)3527-1760/1838
edpucio@puc-rio.br
www.puc-rio.br/editorapucio

Conselho Editorial PUC-Rio

Augusto Sampaio
Cesar Romero Jacob
Fernando Sá
José Ricardo Bergmann
Luiz Alencar Reis da Silva Mello
Luiz Roberto Cunha
Miguel Pereira
Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Projeto gráfico de capa e miolo
José Antonio de Oliveira

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-85-8006-103-1

Este livro não pode ser comercializado.

Este livro é dedicado ao Departamento de
Comunicação Social da PUC-Rio no ano de seu
sexagésimo aniversário.

Apresentação	9
1. O corpo como símbolo	13
2. Roteiro de estudos e pesquisas	39
2.1 Lógica dos textos	39
2.2 Fontes de pesquisa	40
2.3 Critérios de classificação	41
2.4 Chaves para leitura	43
3. Referência geral	51
3.1 Textos principais	51
3.2 Textos complementares	61
4. Tópicos específicos	71
4.1 Textos principais	71
4.2 Textos complementares	78
5. História	85
5.1 Textos principais	85
5.2 Textos complementares	88
6. Brasil	91
6.1 Textos principais	91
6.2 Textos complementares	96
7. Discurso nativo	99
8. Dissertações e teses	107
8.1 Ciências sociais	107
8.2 Comunicação	109
8.3 História	110
8.4 Psicologia	111

A razão de publicarmos este livro foi oferecer aos interessados na reflexão sobre as relações entre o corpo e a cultura um roteiro bibliográfico que pudesse ser utilizado tanto para iniciação quanto para desenvolvimento dos seus estudos e pesquisas. Nossa ideia foi simplesmente propiciar aos investigadores do tema algo que não tivemos e que ao preço de grande esforço conseguimos reunir ao longo de muitos anos – sobretudo esforços realizados em tempos anteriores à internet, quando iniciamos nossas pesquisas.

O eixo central desse levantamento bibliográfico é o corpo. Evidentemente não aquele corpo biológico e medicalizado que as narrativas midiáticas e o senso comum querem fazer crer que corresponda à totalidade do fenômeno. Falamos aqui do corpo como a matéria-prima na qual a cultura imprime seu modo de vida. Como veremos no primeiro capítulo do livro, um corpo que não se sustenta biologicamente e que se constrói pela cultura. Abandonado à sua própria sorte ou destino biológico, sem que qualquer intervenção da cultura incida sobre ele, o corpo humano encontrará em pouco tempo seu irremediável destino de morte. Um corpo que ao nascer é capaz apenas de uma coisa: gritar, como quem expressa sua única possibilidade de manter-se vivo, fazendo com que a cultura, traduzida pela ação de mãe, pai, parente, instituição ou qualquer outro, permita-lhe viabilizar-se. Corpo que se constrói pela cultura e na qual ela por sua vez exprime sua materialidade e perpetua-se no tempo.

Esse é o corpo como matéria simbólica moldada por toda e cada cultura como sua primeira e mais fundamental realização. Por isso esse corpo pode ser muita coisa, além do que supõe sua evidência física. Na cultura moderno-contemporânea ele é, primordialmente, produção e consumo. No primeiro caso, como mão de obra e força de trabalho; no segundo, como suporte para um conjunto de atividades de consumo que elaboram, constroem, refinam, embelezam, juvenilizam, revestem, movimentam, masculinizam ou fe-

minilizam esse corpo através dos inumeráveis bens de consumo e estilos de vida que lhes estão associados. Em certo sentido, o corpo é tanto bem de consumo ele mesmo quanto suporte privilegiado para a materialização de quase todos os outros bens. Por essa centralidade da relação entre os corpos e o consumo em nossa cultura, o título desse livro é *Corpo e Consumo*.

Mas o livro é, principalmente, seu subtítulo *Roteiro de estudos e pesquisas*. Isso pela simples razão de que pretendemos apresentar um levantamento bibliográfico de textos acadêmicos e, em particular, aqueles de cunho antropológico e histórico, visando a propiciar a formação de um repertório intelectual consistente sobre o tema do corpo em suas dimensões simbólicas, bem como de seus aspectos culturais associados ao consumo em geral e às intervenções que esse corpo recebe em razão dele.

O levantamento bibliográfico aqui realizado tem por objetivo ser uma fonte de informações permanente, oferecendo subsídios consistentes para os pesquisadores interessados nesses temas. A ideia é oferecer um roteiro intelectual sólido para a obtenção de conhecimentos, ideias, pistas, *insights*, teorias, fundamentos ou observações necessárias para auxiliar todos aqueles estudos que pretendam investigar os aspectos culturais, históricos e simbólicos relacionados ao corpo. Esse levantamento bibliográfico permitirá a construção de *massa crítica* a respeito de áreas de interesse específico que se relacionam às dimensões socioculturais presentes nas temáticas do corpo e suas associações com a cultura, o consumo, a beleza, entre outros caminhos.

Por sua natureza de levantamento de textos e de roteiro de pesquisas, o livro foi concebido para que seja uma obra aberta, algo permanentemente em construção, permitindo constantes atualizações na mesma medida em que as reflexões sobre esses temas forem se materializando em novos livros, dissertações, teses ou textos que enriqueçam o patrimônio comum dessa experiência intelectual. Assim, nosso livro se adequa de maneira muito apropriada para seu formato de *e-book*. Com isso, pretendemos ter condições de atualizá-lo com maior facilidade em relação à obra impressa em novas edições, revisões, correções e contribuições que, porventura, nossos alunos e colegas possam oferecer.

O livro começa por uma exposição sobre diferentes questões relacionadas às dimensões simbólicas do corpo. Nessa parte, são discutidas as relações existentes entre o corpo e a cultura, os impactos e transformações culturais e históricas aos quais os corpos são submetidos e o lugar do corpo como suporte de consumo na cultura moderno-contemporânea. Também são aí considerados a variabilidade cultural das experiências de construção dos corpos e os impactos sobre as dimensões, tanto biológicas, quanto estéticas que os significados culturais imprimem aos corpos.

Em seguida, organizamos os livros pesquisados em seis grandes grupos. Os que seriam de referência geral; os que tratam de tópicos específicos; os que trabalham a questão do corpo na história; e os que analisam o corpo na cultura brasileira. Incluímos também um grupo de textos que chamamos de discursos nativos, pois falam do corpo do ponto de vista dos “práticos” que, em nossa cultura, ensinam e promovem diferentes “técnicas” que supostamente visam à estética ou à boa forma dos corpos. Finalmente, apresentamos um conjunto básico de dissertações de mestrado e teses de doutorado que estudam dimensões culturais do corpo a partir do ângulo de áreas como ciências sociais, comunicação, história e psicologia.

Agradecemos ao diretor do Departamento de Comunicação Social, professor Cesar Romero Jacob, e ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, professor Miguel Pereira, pelo apoio à publicação desse livro. Lembramos também o clima de cordialidade, de incentivo e de troca intelectual propiciado pela convivência com nossos colegas do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio.

Nossos alunos de graduação e pós-graduação ofereceram generosamente sua contribuição para a consecução desse projeto. Nosso agradecimento a todos eles na pessoa da nossa ex-aluna Bruna Brasil, que participou ativamente dos estágios iniciais desse trabalho. Agradecemos também ao Programa de Estudos em Comunicação e Consumo Academia Infoglobo/PUC-Rio (PECC), cujas pesquisas acadêmicas sobre o significado cultural do consumo se associam à realização desse estudo. Nosso muito obrigado, finalmente, ao CNPq e à Capes, que têm apoiado sistematicamente nosso trabalho acadêmico e nossas pesquisas.

1. O corpo como símbolo

O mundo começou sem o homem e provavelmente desaparecerá sem ele. Resultado de processos naturais, o homem é uma das manifestações do mundo. Faz parte, portanto, da natureza. Mas o homem não pode apreender o mundo tal qual ele é em sua objetividade: a percepção humana está limitada à sua humanidade, restringe-se às dimensões e ao alcance do olhar, do paladar, tato, olfato humanos... A percepção que o homem tem do mundo é irremediavelmente parcial: indissolivelmente antropocêntrica, como é bovinocêntrica a apreensão do mundo por parte desses animais.

Cada ser percebe o mundo com as lentes que lhe são próprias. Está submetido aos limites e à acuidade delas: a ouvir dentro de certa frequência, a enxergar com certa luminosidade, a detectar apenas alguns cheiros, a não receber estímulos tácteis inferiores ou superiores a determinados limiares. Não estão aí o cão e seu olfato, o gato e sua visão no escuro, o morcego e sua audição, a nos ensinarem que cada espécie vive em um universo que lhe é peculiar?

A cultura constitui a lente específica por intermédio da qual o homem enxerga o mundo. Por ela, os sentidos humanos adquirem uma coloração especial e o mundo, uma fisionomia humana. Através dela o universo deixa de ser algo dependente apenas de programações orgânicas e os sentidos de se definirem pelas estruturas biológicas dos organismos individuais. Pela cultura o mundo passa a depender em larga medida das convenções sociais, variáveis de sociedade para sociedade, de grupo para grupo, de tempo para tempo - o que vale também para os sentidos, por instrumento dos quais em cada lugar e em cada tempo os homens se relacionam com o mundo.

Segundo as convenções, em cada sociedade são diferentes as ênfases e os direcionamentos dos órgãos dos sentidos. Não se pode negar que as culturas se aproveitam dos sentidos para codificar o mundo; não obstante, toda sociedade codifica também estes senti-

dos, pois experiências sensoriais são mensagens que devem ser decodificadas de alguma forma. Em cada sociedade, pesos diferentes são atribuídos aos diferentes sentidos: não são os cegos e os surdos capazes de superar parcialmente suas deficiências, aperfeiçoando o domínio sobre outros códigos sensoriais, a ponto de muitas vezes serem capazes de “ver” o valor de uma nota de dinheiro pela simples manipulação da mesma, ou de “ouvir” um interlocutor por leitura labial?

Cada cultura pode enfatizar ou sobrecarregar um ou alguns sentidos. Nós, por exemplo, suspeitamos dos sentidos que não a visão ou o tato. Precisamos *ver para crer*, ou, como São Tomé, *tocar* as chagas de Cristo para acreditar. Precisamos escrever as coisas, para delas não esquecermos e para firmarmos compromissos seguros. Criamos diferentes sistemas para nos ajudar a ver o que ouvimos. Chamamos as pessoas de maior arrojo ou sensibilidade de “visionárias” ou “videntes”. Não por acaso, em muitas das nossas igrejas, uídat das nossas Igrejas a onipotência e a onisciência de Deus é representada por um olho.

Dizemos que os “olhos são o espelho da alma”, que os sábios são “iluminados”, que um conhecimento superficial é “à primeira vista”. Uma pessoa estimada é “bem-vista”; as coisas honestas, “transparentes” e compreender é “ver claramente”. Temos “ponto de vista”, “visão de mundo”. Costumamos dar ou receber uma “luz” para solucionar um problema. Em nossas revistas em quadrinhos, uma ideia “brilhante” é uma lâmpada que acende. E poderíamos falar sem fim dos “alucinados”, do “iluminismo”, da “idade das trevas”, ou dos beijos roubados no “escurinho do cinema”, como diz a música...

Não confiamos tanto no olfato: nossa atitude diante das sensações olfativas, dos conhecimentos que nos chegam por esta via, é de desconfiança, de suspeita, de insegurança, como expressamos em nosso vocabulário (“isto não me cheira bem”, “sinto cheiro de confusão”...). Os cheiros nunca são algo em si, com identidade própria; são qualidades de outras coisas (“cheiro de rosa”, “odor de putrefação”, “fragrância de amor”) ou das consequências que produzem (“enjoativo”, “estimulante”, “agressivo”, “insinuante”...). Não diferimos, quanto a este sentido, dos andamaneses, cujo calendário se baseia numa sucessão de perfumes que as flores, as árvores

e os animais exalam durante os diversos períodos do ano? Ou dos esquimós, que, apoiados na direção e no cheiro do vento, são capazes de viajar quilômetros e quilômetros por territórios para nós visualmente indiferenciados?

Se os próprios sentidos por meio dos quais os homens tomam ciência do mundo são condicionados e variáveis culturalmente, que dizer do mundo e dos objetos que o povoam? Nesta direção, somos levados a compreender que isto a que as pessoas normalmente chamam de “mundo real” é construído a partir dos códigos da sociedade. E construído, em grande parte, de modo inconsciente: o cérebro, respondendo a um “programa” que lhe é introduzido pela socialização, seleciona e processa as informações que lhe são fornecidas pelos órgãos dos sentidos, estes submetidos a uma gramática culturalmente estabelecida.

Apesar de a consciência individual ter a impressão de estar lidando com um mundo intrinsecamente ordenado - isto é, de que os diferentes cérebros humanos reagiriam de maneira semelhante aos mesmos estímulos - prevalece no atual estágio do desenvolvimento científico a concepção de que “mesmos estímulos” são mais propriamente “dados” e “informações” que devem ser “lidos”, “processados” e “interpretados” segundo códigos diferentes. Por este caminho, em vez de uma ordenação absoluta existente “lá fora”, no mundo, os homens estariam mergulhados em uma lógica especial, não necessariamente coincidente com o que existe “lá fora”: esta lógica cultural institui novos elementos, imprevisíveis, inconhecíveis e mesmo impossíveis de existir em outro universo que não o cultural.

Fruto do mundo, o próprio do homem é inventar miríades de mundos. Materializado em um corpo, o homem não tem um corpo único ao qual esteja para sempre confinado. Este corpo é muito mais do que algo intrinsecamente ordenado, com existência objetiva “lá fora” no mundo: faz parte do universo convencional, como qualquer objeto vivido ou concebido por humanos. Mas, com estas palavras pretende-se muito mais do que simplesmente afirmar que as *concepções* sobre o corpo variem segundo as culturas, que cada uma tenha suas “imagens” ou “representações” sobre o corpo humano. De modo muito afirmativo é preciso que tenhamos claríssi-

mo que de acordo com os contextos culturais variam não somente as *representações sociais* do corpo, mas o próprio corpo como coisa material. Isto é, diferem a resistência física, os gostos, as doenças, os automatismos corporais, as atenções, os reflexos, o desenvolvimento deste ou daquele subsistema muscular, a acuidade dos órgãos de sentido e assim por diante.

Exatamente por essa diferença material, não por acaso, ou por falta de informação, os atropelamentos de estrangeiros são particularmente numerosos em cidades como Londres e Tóquio, em que os carros trafegam, como se sabe, pela “contramão”. Os praticantes de candomblé que “viram no santo”, que entram em transe, não apenas possuem crenças específicas sobre suas relações com os orixás, não somente as “representam”, mas as experimentam e vivenciam de maneira intensamente corporal. Portanto, muitas vezes não se trata apenas de “representação” social, de “concepções”, de “visões de mundo”, de ideias mais ou menos intangíveis, voláteis e imateriais. As representações do corpo não se limitam a ser apenas acontecimentos intelectuais. É sempre necessário saber como ecoam e reverberam na carne: com frequência são violentamente viscerais e não raro se traduzem em entusiasmos, em medos, em prazeres, em ardores, em rancores, em sensibilidades...

*

Cada cultura “modela” ou “fabrica” à sua maneira um corpo humano. Toda sociedade se preocupa em imprimir no corpo, fisicamente, determinadas transformações, mediante as quais o cultural se inscreve e se grava sobre o biológico. Arranhando, rasgando, perfurando, queimando a pele, apõem-se nos corpos cicatrizes-signos, que são formas artísticas ou indicadores rituais de posição social: mutilações do pavilhão auricular, corte ou distensão do lóbulo, perfuração do septo, dos lábios, das faces, decepamento das falanges, amputação das unhas, alongamento do pescoço, incrustações, apontamento dos dentes, extração dos mesmos, deformação cefálica, atrofiamento dos membros, musculação, obesidade ou magreza obrigatória, bronzeamento ou clareamento da pele, barbeamentos, cortes de cabelo, penteados, pinturas, tатуa-

gens... Em suma, um sem-fim de práticas que se explicam por razões sempre sociais, de ordem ritual ou estética.

Em seu clássico ensaio sobre as “Técnicas corporais”, Marcel Mauss¹ observou como variavam as técnicas de nadar entre as gerações de franceses e como essas eram distintas da dos polinésios. Registrou as dificuldades que os ingleses apresentavam para cavar com as pás dos franceses, pois essas lhes exigiam um giro inabitual da mão. Deteve-se nos diversos estilos de marcha militar de acordo com os vários exércitos europeus e apontou como eram diversificadas as maneiras de cada um dar a meia-volta. Destacou como o olhar fixo para alguém podia ser expressão de descortesia na vida corrente, mas era gesto cortês e obrigatório na vida militar.

Mauss apreciou os incontáveis modos de correr, de andar e de permanecer em pé, que não eram absolutamente os mesmos segundo as culturas. Realçou como era possível diferenciar uma criança inglesa de uma francesa pela simples posição dos cotovelos e das mãos enquanto comiam. Também não era o mesmo o controle corporal a que meninos e meninas deveriam se habituar. Evocou as diferentes maneiras de dormir (com ou sem travesseiro, em camas, em bancos, em redes, em esteiras, em pé, a cavalo), os modos de descansar (em pé, sobre uma só perna, sentado, acororado), as técnicas de parto (em pé, deitada sobre as costas, de cócoras, de quatro, na água). O antropólogo registrou como divergem os jeitos de carregar as crianças, os desmames, as ginásticas, os modos de respirar... Poderíamos ir adiante e constatar como divergem também as utilizações práticas dos produtos e componentes do corpo, como a da saliva para colar selos, para definir a direção do vento ou para verificar vazamento de ar; a do uso dos dedos dos pés como auxiliares na tecelagem, a das orelhas para segurar pequenos objetos...

Enfim, não há sociedade que não fira semioticamente o corpo de seus membros, cada uma se especializando na geração de determinados corpos: na produção daqueles corpos que servirão como insígnias da identidade grupal, nas quais a substância biológica trabalhará como matéria sociológica. Por exemplo, a um

1 MAUSS, Marcel. “Les Techniques du corps” (1934). *Journal de Psychologie*, v. 32, ne, 3-4, 15 mars - 15 avril 1936.

brasileiro vivendo na Europa, é quase sempre possível reconhecer, de longe e com margens mínimas de erros, outro brasileiro, homem ou mulher: pela coloração da pele, pela maneira lenta e cambaleante do andar, pelo estilo de vestir-se, pela postura corporal, sobretudo da coluna, pelo relaxamento ao sentar-se, pelo direcionamento dos olhares, especialmente quando trocados por pessoas de sexos diferentes, pela incontinência gestual de mãos tagarelas, pela liberalidade desinibida de tocar coisas e pessoas, pelos cabelos quase sempre cuidadosamente recém-lavados, particularmente entre os homens. Reunidos, esses signos corporais raramente conduzem a engano.

Outro exemplo: quando estamos no exterior, não raramente passamos por dificuldades simplesmente por vivermos em ambientes sociais nos quais somos estrangeiros também pelas convenções corporais. Os cheiros das pessoas não são os que mais apreciamos, os cumprimentos sempre mais, ou menos, formais que os a que estamos acostumados, os olhares entre homens e mulheres não se trocam de modo que nos soe familiar, os gestos, as expressões corporais e faciais parecem sensivelmente outros...

Assim, é possível que um brasileiro se envolva em dificuldades até aprender a decifrar dois simples gestos e um hábito linguístico dos parisienses. O hábito linguístico é a repetição sistemática da expressão "*bien sûr*", que pode ser traduzida por "claro" ou "evidente". Os gestos são, por um lado, um repetido balançar de ombros que entre nós no Brasil significa "estou pouco ligando" ou "estou me lixando"; por outro, uma forte expiração pela boca após terem cerrado os lábios, gesto parecido com o que entre nós significa "minha paciência acabou" ou "você está me enchendo o saco". Pela frequência, tais gestos e expressões podem reforçar em um brasileiro, a cada instante, alguns estereótipos que nutrimos sobre os franceses: que eles são "estúpidos", "grosseiros", "mal-educados", "colonizadores que nos olham com desdém". Será necessário algum tempo para descobrir que "*bien sûr*" a rigor nada significa, tem na maioria das vezes apenas uma função fática na conversação, que o sacudir os ombros geralmente representa apenas um inocente "não sei" e que o ar ostensivamente liberado dos pulmões remete singelamente a um ingênuo e neutro "estou pensando". Frequentemente estes três

elementos acontecem quando se solicitam informações: em absoluto não há a vontade de dizer que o interlocutor seja um imbecil a só dizer obviedades, ou um chato, inoportuno, digno de desprezo.

Na Inglaterra, um brasileiro pode sentir algum mal-estar ao entender a mão para cumprimentar conhecidos sempre que os encontrar. Há uma grande chance de receber em troca mãos molengas, tímidas, indecisas. Acontece que entre eles o cumprimento manual tem lugar basicamente quando as pessoas são apresentadas. Mudando de países, Alemanha, França, Itália, Inglaterra, nunca se sabe exatamente o número padronizado de beijos que as pessoas de sexos diferentes se devem dar nas faces, nem por qual das bochechas exatamente começar. Há sempre o risco de pecar: beijar alguém quando este não é o padrão e produzir espanto; deixar alguém com o rosto no ar à espera de um beijo; beijar mais vezes que o receitado e produzir embaraço; beijar menos, de modo a passar por distante, frio. Tanto quanto possível, um brasileiro tenderá a ser mais ou menos fiel ao padrão de sua cultura: evitará beijos masculinos e começará sempre pelas bochechas direitas. Do mesmo modo, é possível que um europeu estranhe e se assuste com nossos simpáticos tapinhas na barriga. Talvez sinta uma espécie de curto-circuito, pois seus reflexos talvez não estejam preparados para este gesto que pode soar como verdadeira “invasão” do seu território corporal. Ser-lhe-á necessária uma espécie de socialização do corpo, porque os hábitos corporais são aprendidos e transmitidos pela convivência.

É pela educação formal ou informal que se incutem nos indivíduos os princípios que explícita ou disfarçadamente são comuns aos membros de uma sociedade – princípios que muito poucos têm coragem de negar ou de desafiar abertamente. Estes princípios vão desde coisas muito complexas, como aprender a desempenhar o papel de homem ou de mulher, a coisas apenas aparentemente muito simples, como cuspir, gargarejar, engolir comprimidos ou beber cafezinho sem queimar a boca... Por meio da educação se faz de cada criança um membro da sociedade, sobretudo levando-a a abrir mão de sua autonomia corporal e incutindo em seu físico e intelecto as marcas próprias da comunidade. Garante-se por este caminho certo número de estados mentais e físicos, sem a partilha

dos quais a vida comunitária seria impossível. Esta tarefa da educação sobre os corpos é então absolutamente fundamental: primeiro, porque o corpo humano é, por excelência, uma expressão simbólica da própria sociedade, de cada sociedade; depois, porque qualquer sociedade se faz fazendo os corpos daqueles em que ela se materializa.

O projeto educativo, no seu fundamental, consiste em forjar sobre os organismos mais ou menos amorfos dos recém-nascidos, os corpos específicos de que uma sociedade necessita para viver. Um estudo detido do processo de socialização de nossas crianças revelaria que as maiores violências e atenções de que são objeto se ligam à introjeção nelas dos hábitos corporais e das regras de higiene: tapas na mão que foi posta em lugar indevido, pimenta ou esparadrapo nos dedos para impedir de os chupar, ridículo à criança que evacua nas calças, repreensões quanto às posturas corporais, quanto à exibição de certas partes do corpo, aos horários de alimentação e aos cuidados com a saúde...

Outro exemplo disso é a pressão exercida sobre as crianças de muitas sociedades para que prefiram ser destros. Em contraste com a verdadeira apoteose de que a mão direita é objeto, há sociedades em que as crianças são repreendidas e punidas por permitirem atividade à mão esquerda, ou a têm amarrada para aprenderem a dela não se servir senão para tocar as coisas impuras. Há povos em que os canhotos são encarados como feiticeiros ou demônios e grupos em que as refeições podem ser feitas apenas com a destra. Em algumas populações, a esquerda nunca deve ser lavada ou ter as unhas aparadas, de forma que a crença na imensa diferença entre as duas mãos – que se quer incutir nos pequenos – às vezes chega mesmo a produzir uma diferença física inquestionável.

Por causa deste projeto inculcador, nas sociedades hierarquizadas suscita-se desde sempre a vergonha dos próprios corpos naqueles que não se enquadram nos modelos socialmente aprovados, ou que não se encaixam nos padrões que as classes favorecidas exibem. Compreende-se bem isso, pois, pela própria diversidade de estilos de vida que as diferentes classes são levadas a observar, os não privilegiados não podem se reconhecer nos paradigmas idealizados. Tal vergonha não é apenas mais uma expressão da assime-

tria de classes ou da exclusão social; está gravada como o mais íntimo, o mais existencial e o mais importante signo de desigualdade. Desigualdade gravada no corpo. Neste corpo que jamais poderá ser desvinculado da pessoa a que pertence.

*

Um caminho possível para compreender o corpo e as práticas corporais é considerá-los como pertencendo ao universo dos símbolos e da comunicação. Partes do corpo, posturas, gestos, contatos, interação corporal, remetem a conteúdos implícitos, são significados de elaboração secundária, com propósitos não necessariamente corporais. Vomitar pode não ser simples perturbação do aparelho digestivo, mas expressão da relação entre o cultural e o biológico, entre o controlado e o incontrolado nos organismos humanos, entre o que é aceitável e o que deve obrigatoriamente ser recusado. Suar pode não ser o simples resultado do trabalho de certas glândulas, mas a representação material da relação entre trabalho e repouso, mérito e demérito, privilégio e exploração. Lavar pode ser muito mais que prática instrumental de limpeza, cuidado e preservação da saúde: pode também ser mecanismo simbólico inconsciente para separar domínios e estabelecer relações. A circuncisão pode se explicar de outra maneira que por razões higiênicas, aversão ao cheiro de esmegma, necessidade de combater inflamações prepuciais, desenvolvimento da resistência da mucosa da glândula, pois tais razões normalmente são racionalizações destinadas a justificar uma prática que é muitíssimo anterior aos argumentos.

Por que consideramos na nossa cultura que cuspir no rosto de uma pessoa seja a maior ofensa que a ela se possa endereçar? Pelos valores absolutos, biológicos, do rosto e da saliva? Ou pelo que esta conjunção rosto-cuspe pode significar simbolicamente, uma vez que o rosto constitui o principal signo de identidade social e que cuspir nele corresponderia a torná-lo baixo como o chão, desprezível como as coisas de que se tem nojo? Por que é que temos nojo de todas as secreções corporais, exceção feita à lágrima? Porque são impuras em si, portadoras de microrganismos patogênicos? Ou porque simbolizam uma natureza rebelde ao controle social,

que nos revelam nossa natureza animal profunda? Não eram tais secreções detestadas muito antes de Pasteur ter descoberto os tais microrganismos causadores de doenças? Por que as mulheres não detestam com a mesma veemência o catarro que escorre do nariz de seu filhinho e o que se desprende do narizinho do filho de sua empregada? Por que motivos se evitam menos as coisas “poluídas” ou “poluígenas” quando o contato com elas se dá na intimidade individual ou sexual?

“Símbolo” é a palavra-chave que ajudaria a responder todas essas questões. O corpo, os gestos, as práticas corporais devem ser interpretados e decifrados, mais ou menos como se decifram os símbolos dos sonhos, dos mitos e dos rituais, pois desde cedo aprendemos a absorvê-los de modo tão inconsciente como aquele pelo qual absorvemos as regras do idioma que falamos. Uma reflexão especial seria necessária, se desejássemos tornar consciente a gramática do discurso corporal, pois não a divisamos automaticamente – mais ou menos como o olho não consegue espontaneamente enxergar-se a si mesmo. Em consequência, temo-la como garantida e estabelecida.

Não é por esta razão, aliás, que recorremos a gestos quando não sabemos a língua de nosso interlocutor, supondo que formem uma linguagem geral? Mas estes gestos nada têm de universal. Os conteúdos denotativos da gestualidade não coincidem absolutamente de cultura para cultura. Enquanto os ocidentais afirmam com um aceno vertical da cabeça, os turcos a sacodem, os abissínios a atiram para trás levantando simultaneamente as sobrancelhas, os *Dayak* levantam os supercílios e os neozelandeses elevam a cabeça e o queixo. As maneiras de chamar alguém, cumprimentar, indicar objetos, despedir, expressar desconfiança ou amizade, exprimir aborrecimento ou raiva, variam de tempo para tempo, de sociedade para sociedade. Os *Maori*, como expressão de amizade, dobram o indicador e colocam a saliência da segunda junta na ponta do nariz; a mãe chinesa empurra para a frente e para trás a cabeça do filho, para com isto dizer-lhe que está zangada; para algumas sociedades africanas, é amaldiçoar um objeto o apontá-lo com o dedo. Piscar para alguém pode ser paquera, cumplicidade ou amizade, assim como significados algo semelhantes aos nossos beijos po-

dem ser expressos em outra culturas pelo atrito dos narizes, toque do nariz nas faces, afagos nos cabelos, beliscadelas nos mamilos...

O mais importante, contudo, não são estes conteúdos denotativos, quase sempre mais ou menos conscientizados quando pessoas de culturas diferentes se encontram, ou quando as regras de conduta corporal sofrem alguma transgressão. O mais importante são os conteúdos conotativos e inconscientes, que sutilmente contêm princípios estruturadores da visão de mundo de uma sociedade e das atitudes dos homens diante de seus corpos e dos alheios. Por exemplo, não podemos ver uma sutil discriminação dos canhotos quando observamos que, para realçar o mutismo da mão esquerda, abridores de latas, cadernos com espiral, relógios de pulso, carteiras escolares, maçanetas de portas, tesouras, saca-rolhas, instrumentos musicais, acessórios de computador e até colheres entortadas feitas para uso de bebês, parecem ter sido concebidos e produzidos apenas para os destros?

Ao pouparmos a lágrima de nosso nojo, não estamos oferecendo uma espécie de privilégio a uma das únicas secreções do corpo humano que dependem das convenções sociais para emergir? Não são as culturas que determinam quais são as razões particulares que devem levar os seres humanos a vertê-la? Ao lavar as mãos quando entramos em casa, saímos do banheiro, vamos para a mesa, não estaremos inconscientemente praticando ritos sutis, que expressam passagens entre domínios diferentes da experiência social – respectivamente, da rua para a casa, do íntimo para o público, do cultural para o natural?

Ao escovar os dentes, tomar banho, pentear os cabelos, cortar as unhas, não estaremos sem explícita consciência dizendo para nós mesmos que somos homens, que diferimos dos bichos, que não somos “porcos”? Quando lançamos para a natureza, chamando de “porcos” aqueles que não se conformam às nossas regras de higiene corporal, ou de “galinhas” e “veados” certas preferências sexuais, não é algo sobre o nosso conceito de “humanidade”, nossas premissas sobre as relações entre sexualidade e natureza, o que estamos inconscientemente exprimindo?

Sem o saber, não legitimamos em nosso próprio corpo o sistema de propriedade privada e industrial quando falamos dos *meus*

para-brisas, dos *meus* pneus, dos *meus* vidros, em um posto de gasolina? Quando, distraídos, dizemos “obrigado” à máquina que acabou de nos servir café automaticamente, tratando-a como se fosse uma pessoa (o que é o primeiro passo para tratar pessoas como se fossem máquinas), não é este sistema que estamos consagrando inconscientemente? Não fazemos o mesmo, quando repetimos com McLuhan que “os meios de comunicação são extensões do homem”?

Ao pé da letra, não nos integramos *visceralmente* ao sistema industrial quando recebemos em nossos corpos órgãos de plástico, coração, dentes, rins, pernas artificiais? No limite, é possível sustentar a ideia de que até mesmo a vida biológica e individual seja um valor. Isto é, a cogitação de que cada sociedade ofereça a seus membros as razões pelas quais vale a pena viver ou deixar de viver. Nisso tudo existe uma linguagem quase tão rica e inconsciente como a dos sonhos. E tão coletiva como qualquer outra. Uma linguagem que nos fascina pela delícia intelectual de a decifrar e compreender.

*

Alguns conhecimentos relativos à possibilidade de compreender esta linguagem dos corpos estão estabelecidos de modo tão cristalino que podem inclusive ser enunciados de maneira inequívoca e categórica. Em primeiro lugar, o corpo humano é muito menos biológico do que normalmente se pensa. Em segundo lugar, o corpo humano é muito menos individual do que costuma postular o pensamento influenciado pela visão de mundo de nossa cultura, sob o peso de todo o individualismo que a caracteriza.

Sabemos hoje claramente que o procedimento tradicional de retirar um corpo de seu ambiente de coexistência, interná-lo em um laboratório, submetê-lo a dissecações e vivisseccões, dista muito de ser satisfatório para o entendimento de animais, de plantas e até de micro-organismos. Este procedimento acredita surpreender, no íntimo da interioridade, aquilo que faz de um corpo algo vívido – como se a vida fosse propriedade privada do organismo individual. Com muitíssimo menor razão podemos continuar a admiti-lo como procedimento que pretenda conhecer o corpo humano.

Em terceiro lugar, podemos dizer tranquilamente que o corpo humano é socialmente construído – como tentamos ilustrar nas páginas precedentes. Nessa direção, poderíamos meditar, por exemplo, sobre o significado antropológico do fato de que alguns meninos selvagens, que haviam sobrevivido convivendo com animais até terem sido reencontrados, além de beberem água por lambidas e de farejarem os alimentos, não apresentavam postura ereta e se locomoviam sobre os quatro membros, talvez imitando seus companheiros. Isto quer dizer que algo tão fundamental e característico, algo tão “natural” ao homem, algo tão presente nos manuais de antropologia física, como a posição ereta e o andar bípede, não resulta apenas de uma natureza humana biologicamente dada, mas também de uma construção social. É obra da presença de outrem e – sobretudo, talvez – de seu estímulo.

Quarto ponto: sendo em grande medida uma construção social, o corpo humano apresenta as características dos fenômenos culturais. Principalmente, ele é relativo: varia entre as sociedades e, dentro de cada uma delas, segundo os grupos, segundo os indivíduos, segundo os contextos e de acordo com os vários momentos das biografias. Também é histórico: transforma-se segundo os diferentes tempos de indivíduos, grupos e sociedades.

Quinto ponto: as sociedades constroem os corpos. Mas, como sabemos, principalmente depois da publicação de *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault (1975), a recíproca é verdadeira – pois uma sociedade faz sua vida, fazendo os corpos em que existe. Mais radicalmente, talvez fosse mesmo possível afirmar que os corpos de seus membros constituem a única materialidade efetiva de qualquer sociedade. Ela só existiria nos corpos em que adquire vida: em músculos, em fibras, em tendões, em nervos, em neurônios, em sensibilidades, em resistências, em habilidades, em desejos, em temores.

*

Sendo o corpo em grande medida uma instituição social, podemos sobre ele dizer que possui história. Não uma história geral, envolvendo todos os corpos de todos os tempos e de todas as sociedades. Mas uma história específica, de um corpo de uma sociedade

particular. Uma história definida, que é solidária às transformações no tempo de outras instituições desta mesma sociedade. Simples compreender: nossos corpos de hoje não são os de ontem.

Qualquer dentre nós, que se lembre de um passado mais ou menos recente, poderá reconhecê-lo sem dificuldade. Há quarenta ou cinquenta anos, sentavam-se as mulheres, como muitas vezes o fazem hoje, abrindo as pernas, mostrando as coxas? Deixavam-se tocar corporalmente com menor dificuldade, distribuindo beijos a homens apenas recentemente conhecidos? Falavam de modo mais “livre, leve e solto” sobre relações sexuais, menstruação? Exibiam os corpos com desembaraço? Sobre concepção de relações sexuais, há apenas poucas décadas era possível ouvir de uma mulher a expressão “*comi fulano*”? Até tempos bem recentes os homens (ativos) “comiam”; as mulheres (passivas) “eram comidas”.

Percebemos facilmente esta história corporal evocando os antigos namoros. Quanto esforço para “segurar” ou “pegar” nas mãos da amada! Quanto sofrimento até o primeiro beijo! Sexo, que escândalo! Para cada condição ritual dos casais, uma gestualidade em público: namoro mais ou menos sério, mãos dadas, dedos entrelaçados; noivado, braços masculinos por cima dos ombros femininos; casamento, passeios pelas praças, braços dados. Na dança, o rosto colado dos namorados, braços caídos, dedos entrelaçados. Casais “mais ousados” se atreviam a manter as mãos entrelaçadas, erguidas, apertadas à altura dos ombros, junto ao tórax. Dançar abraçado, com todos os braços e pleno contato das superfícies corporais, assinala nessa história um momento de maiúscula libertação e de desafio ao estabelecido: “conquista” de cuja importância as formas posteriores de dança (corpos separados) vieram a fazer pouco caso.

Os que viveram há meio século no Brasil terão recordação da dança como uma batalha singular e como lembrança de um momento esdrúxulo: os homens se esforçando para trazerem as mulheres para perto de seus corpos; estas, tentando manter um afastamento “decente”. Batalha física: mãos esquerdas femininas forçando para trás o ombro do parceiro, de modo a controlar o contato das caixas torácicas; nádegas femininas prosaicamente projetadas para trás, pretendendo evitar intimidades maiores entre os territórios pélvicos. Batalha patética: missão equívoca que os comandos

da moralidade destinavam ao exército feminino, de impedir que o símbolo se referisse de modo exageradamente ostensivo à coisa simbolizada. Surda batalha, que hoje soa ridícula: dramatização involuntária e grotesca das contradições de uma mentalidade corporal em estado crítico e prestes a se transformar.

Hoje costumamos dizer que houve “liberação” do corpo, que conseguimos em grande medida libertá-lo, embora restem “conquistas” a realizar. Talvez, no plano biográfico-individual, os movimentos de transformação das concepções de corpo tenham se aproximado do que entendemos por “liberdade”, de nosso conceito de liberdade. Mas, no plano histórico abrangente, que conceito é este? Sob a sensação de liberdade e gozo corporais, não estaríamos nos deixando enredar nas teias da submissão, dando aos poderes a oportunidade de realizar em nós a sua suprema consagração? Nessa “liberação”, não poderíamos ver a mais insidiosa manifestação do poder, que é fazer aceitar como desejável e agradável o que em realidade é obrigatório? Se as respostas a estas questões forem positivas, então é plausível que estejamos vivendo em relação à “liberação” corporal algo como uma mistificação. Neste caso, com que finalidades e com que sentido?

*

Seria possível discutir a questão em múltiplos planos. Encontraríamos seguramente contradições entre eles e seríamos obrigados a admitir que este problema não comporta solução absoluta ou monolítica. Não obstante, movidos apenas pela intenção de colocar efervescência na polêmica, poderíamos desenvolver reflexão que partisse de algumas concepções corporais vigorantes na Idade Média e que procurasse compreender suas transformações em função de eventual paralelismo com as grandes modificações da ordem sociopolítica.

Que nos espera no ponto de partida? Nos espíritos medievais, uma rede cerrada de correspondências entre a anatomia e a fisiologia humanas, entre as diferentes idades da vida e o tempo cósmico, remetia a um sistema mais abrangente de correspondência entre o micro e o macrocosmo, entre a individualidade, a sociedade e

o universo. Em escala reduzida, o corpo continha a comunidade, os desígnios divinos, a ordem cósmica. Todo um conjunto de interdependências e interinfluências podia ser constatado entre signos do zodíaco, fases da vida, estações do ano, qualidades sensíveis, temperaturas, cores, humores, condições humanas... Com tudo isso o corpo formava uma unidade. Não a de hoje, por exclusão e distanciamento, governada por uma lógica própria. Mas a unidade de um amálgama, por fusão e interpenetração.

Lembremos: esta é uma época em que morrer ainda é intensamente “dormir”; o tempo em que o “creio na ressurreição da carne” ainda tem a seu favor toda a força e o fervor da fé. Nesse corpo medieval, o espírito e a matéria não se separam. Ainda não se pensa como fadados, respectivamente, à eternidade e à degradação. Implicam-se simbolicamente por uma lógica de metáforas e de metonímias, para nós, hoje, difícil de compreender: tudo o que se fizesse à matéria era ao espírito que pelo mesmo gesto se fazia e vice-versa – um pouco como rasgar o verso de uma folha é destruir também o seu averso.

Por esta lógica, atribuíam-se sentido à tortura e à dor: a punição sobre o físico era também sobre a alma, podendo inclusive poupar sofrimentos ulteriores ainda mais rigorosos. Por esta lógica, compreendia-se a ida de cadáveres aos tribunais, se crimes fossem descobertos depois da morte de seus autores; também se explicava a superposição de várias penas de morte sobre uma mesma pessoa: a união corpo-alma e a responsabilidade social não cessavam com o falecimento. Aí está também a razão pela qual os filhos de uma viúva muitas vezes fossem atribuídos ao finado marido.

Por esta coordenação de ideias e sentimentos se recusava a cremação e se a considerava prática de bárbaros pagãos, digna apenas de criminosos graves, de hereges sacrílegos. Pelas premissas dessa lógica, repudiava-se veementemente a dissecação, a abertura (ou profanação) do corpo humano com a finalidade de observação. Nesse tempo, o olhar científico, presidido pela oposição sujeito/objeto de observação, não havia ainda conquistado legitimidade social. Nada a estranhar, então, no fato de que os primeiros a serem dissecados tivessem sido exatamente indivíduos condenados, aqueles a quem a infâmia já houvesse desprovido do respeito. Mes-

mo assim, as dissecações tinham lugar apenas algumas vezes por ano, em datas predeterminadas, mediante autorização papal específica, fazendo-se preceder e suceder de vários dias de sortilégios, destinados a exorcizar tais gravíssimos cometimentos.

Cada corpo individual também não se separava muito nitidamente dos demais. Na morte, as sepulturas eram coletivas, convivendo os corpos em covas entreabertas até que estivessem cheias. Os cemitérios situavam-se nas imediações (dentro e ao lado) das igrejas. Estas, como sabemos, eram o centro da vida comunitária medieval. Consequência: o cemitério era também o *locus* central da vida cotidiana, lugar onde as proclamações públicas eram feitas, onde se comprava e vendia, onde as pessoas se encontravam para as festividades, onde se construía o forno comunal de pão. Vivos e mortos aí conviviam pacificamente. As reclamações e temores quanto a esta proximidade – cheiros “insuportáveis”, “perigos” à saúde, “riscos” de envenenamento – são muito posteriores ao período medieval, já refletindo uma cosmovisão em crise e a emergência de novas concepções sobre corpo, vida, morte, individualidade...

Na vida, os corpos medievais também não se separavam de modo nítido. A casa típica de um camponês era de um único cômodo, no qual as diferentes funções cotidianas se superpunham: aí se cozinhava, aí se dormia, aí se praticavam relações sexuais, aí se trabalhava, aí se fazia a higiene corporal... No castelo também não se dividia funcionalmente o espaço, como fazemos em nossos apartamentos modernos: um cômodo para dormir, outro para a higiene corporal, um para preparar os alimentos, outro para receber visitas, um para ingerir os alimentos, outro para excretá-los... Não. Nele habitava um grupo mais ou menos extenso de parentes e agregados, dividindo os cômodos mais ou menos como se utilizavam as casas de um único: cada um era multifuncional.

A ideia de privacidade ainda não se consagrara e o individualismo burguês ainda não preponderava. O surgimento da cama envolvida em cortinas ilustra bem, como documento revelador, este tempo, esta mentalidade e sua transformação: ela surgia para proteger a intimidade do casal, certamente de outros habitantes do mesmo cômodo; mas o fazia de modo precário e tímido, ao mostrar que “intimidade” neste contexto define-se principalmente pelo

controle das informações óticas, desprezando os ruídos, os odores e tudo mais.

Estes eram tempos em que o corpo não era algo privado, pelo menos no sentido que hoje emprestamos a este termo. Foi preciso esperar o ano 1652, para que Philippe Ariès,² o grande historiador dessas questões, pudesse encontrar um primeiro testemunho expressando taxativamente o desejo de que o “*meu* corpo e o de *minha* esposa sejam transportados à *minha* igreja: aí eles serão colocados no jazigo da *minha* capela que eu aí mandei construir... aí serão rezadas missas todos os dias, em *minha* memória e em memória de *minha* mulher”. Foi preciso esperar a época deste testador para que as sepulturas individuais começassem a se multiplicar. E aguardar os séculos XVIII e XIX, para que a paisagem familiar de nossos cemitérios se banalizasse e se transformasse em direito individual: incontáveis sepulturas, para incontáveis mortos, cada um proprietário de seu corpo e de sua morada.

Na vida, as coisas não eram diferentes. Ligados aos feudos, os corpos não podiam ir e vir, bandeira fundamental do conceito de “liberdade” desde os primeiros comerciantes burgueses. “Meus filhos” ou “minha mulher” não eram os lugares por excelência da afetividade - posição que ocupariam mais tarde, como consequência da ruptura capitalista dos laços que teciam a comunidade: *minha* família e *minha* mulher são hoje os farrapos que restaram de um mundo em que os contatos primários, as relações afetivas e face a face davam a tônica. Não é à toa, pois, que as canções de hoje, os filmes, as novelas da televisão, de tão grande apelo emocional, não falam a nós de outra coisa: ruiu a comunidade, fragmentou-se a família, o casamento está desmoronando... Sobra, por enquanto, como lugar privilegiado do afeto, esta entidade de definição sexual cada vez mais difícil: uma dupla de indivíduos - o casal.

O casal medieval era definido. Mas não se formava a partir das mesmas premissas que o moderno. Não imperava o amor, este sentimento íntimo e particular, brotado daquilo que é o mais “profundo

2 Entre os mais importantes trabalhos de Philippe Ariès sobre essas questões, podemos destacar: *L'enfant et la vie familiale sous l'ancien régime*. Paris: Seuil, 1973, *Essais sur l'histoire de la mort en Occident*. Paris: Seuil, 1975 e *L'homme devant la mort*. Paris: Seuil, 1977.

do”, “essencial”, “autêntico” e “genuíno” de um indivíduo. Não tinha lugar esta emoção suscitada apenas por um determinado e especial outro indivíduo, minha cara-metade, minha alma-gêmea, este que foi feito, sabe-se lá por que mágico artífice, sob medida apenas para mim. Pelo menos não era o amor o que fundava e cimentava um casal. Se afeição existisse entre marido e mulher, tanto melhor. Mas deveria em geral ser consequência, não causa, da vida em comum.

Romeu e Julieta, como Viveiros de Castro e Araújo³ demonstraram, ilustram a emergência do sentimento moderno de “amor” (profundo, íntimo, individual, especial, possessivo, às vezes louco). Por isso, Romeu e Julieta são marginais, desviantes em relação a seu tempo. Discrepam e contradizem a normatividade social, querem sobrepor seus sentimentos individuais aos desígnios coletivos. Heróis fundadores de uma nova sentimentalidade, triunfam no amor – mas fracassam na vida: autodestroem-se pelo suicídio.

O corpo material não era visto do mesmo modo que nos habituamos a concebê-lo hoje em dia. Não se esperava dos médicos, por exemplo, que adiassem a morte de uma pessoa, que prolongassem artificialmente a vida: pareceria isso às mentalidades medievais uma blasfêmia, uma ofensa à vontade divina, um contrassenso a adiar os prazeres do paraíso. Apenas por volta dos séculos XVII e XVIII é que começarão a se desenvolver de maneira mais intensa os interesses dos indivíduos pelos meios de “se sentir bem”, de “conservar a saúde”, de “prolongar a vida”, de perceber os sintomas e sinais das doenças.

Tais interesses são já os de uma nova classe. Desejos de pessoas que se recusam a deixar esta vida. Caprichos de homens que querem ir até o fim de suas forças. Sonhos de pessoas que pretendem morrer “em atividade”. Uma classe de pessoas que mais tarde pretenderá ser sempre jovem, amortal e, se possível, conquistar a eternidade aqui mesmo, neste mundo. Para este fim, ela se dispõe a pagar médicos, clínicas e, mais tarde, institutos de rejuvenescimento. Tudo isso porque viver passou a ser um meio de capitalizar e acumular.

3 VIVEIROS DE CASTRO, E. e ARAÚJO, R. “Romeu e Julieta e a origem do Estado”. In: VELHO, Gilberto (org). *Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Emancipando-se da submissão ao poder feudal, os burgueses vão tomando posse de seus próprios corpos. Posteriormente farão o mesmo com os corpos alheios, modelo que irá se reproduzir por volta do século XVIII, tendo por protagonistas artesãos que farão florescer multidões de pequenas empresas individuais-familiares, nas quais o mais fundamental dos meios de produção será o corpo. Este artesão é seu próprio patrão, seu próprio senhor e explorador. *Ele se possui*, porque detém seu corpo como meio de produção. É claro que hoje, quando consideramos globalmente as pressões do sistema sociopolítico, reconhecemos facilmente que este autopossuir-se não passou de ilusão. Pouco importa: esta ilusão produziu uma sensação de autonomia e sobre ela se edificou o individualismo burguês, com todos os seus correlativos no que diz respeito às concepções corporais.

Este foi um primeiro episódio, historicamente fundamental: a conquista do corpo e sua transformação em propriedade individual e privada de burgueses e poderosos. Um corpo-produtor, corpo-instrumento, de que os burgueses são os primeiros sujeitos. Corpo a ser treinado, disciplinado, alimentado, fortificado, conhecido. Corpo que deve rentabilizar, frutificar. É também o corpo a que os dominados deverão ser subjugados: corpo-ferramenta, corpo-alienado, corpo que se troca por um salário. Corpo-mercadoria.

Eis o que veio a dizer sobre este corpo em 1925 um certo Dr. Hacket, em seu livro *Health Maintenance in Industry*.⁴

A saúde dos trabalhadores deve ser mantida e melhorada enquanto meio de produção... Frangos, cavalos de corrida, macacos de circo são alimentados, alojados, treinados e mantidos no mais alto nível de força física para assegurar um rendimento máximo em suas funções respectivas. O mesmo princípio se aplica aos seres humanos. Um aumento da produção só pode ser esperado dos trabalhadores se se atribuir uma grande atenção a seu ambiente físico e às suas necessidades.

Nesse contexto, “melhoria” das condições de trabalho, alimentação “decente”, “redução” da jornada de trabalho, vacinação obri-

4 HACKET, D. *Health Maintenance in Industry*. Chicago: Shaw, 1925.

gatória, previdência social, “incremento” das condições de saúde e habitação, “democratização” da educação terão sido, realmente e apenas *conquistas* dos trabalhadores? Ou tratar-se-ia aqui de algo muito mais complexo, em que a “libertação” em relação aos estágios anteriores do sistema corresponderia, ao menos sob certo prisma, a embeber-se de mais e mais desse sistema, recebendo como desejável aquilo que afinal de contas é compulsório? Na melhor das hipóteses é nebulosa a fronteira entre a conquista, pelos trabalhadores, do direito a uma corporalidade sã e a sujeição à obrigatoriedade de zelar pelo bom estado de funcionamento do instrumental da fábrica.

*

Nesta história do corpo moderno, há também um *segundo ato*. Nele se tematiza a trajetória do corpo-meio-de-produção, desprezado enquanto tal por sua incapacidade de atender integralmente às ambições do sistema. Na economia capitalista, a regra é lucrar, lucrar, acumular, acumular. Não se visa a produzir coisas, mas mercadorias. O corpo se esgota relativamente cedo como ferramenta adequada à expansão máxima da economia: o sistema se torna industrial, o que significa fundamentalmente substituição do transpirar de músculos pelo trabalho de máquinas.

Insatisfatório aos olhos do sistema produtivo, o corpo poderá ser “liberado” e substituído por trabalho morto. Quer dizer, por máquinas capazes de mais adequadamente se ajustarem aos ideais de progresso do sistema, além de serem, é claro, mais docilmente controláveis. Neste segundo episódio, quanta diferença no que diz respeito à “liberação” relativa ao corpo-ferramenta, obrigado a se consumir nas fábricas, submetido a jornadas de até 20 horas! Eis agora um corpo liberado de produzir.

De novo, e não por coincidência, os pioneiros desta “conquista” serão os poderosos e seus seguidores, os burgueses e seus prepostos diretos. Serão eles os primeiros a reduzirem suas jornadas de trabalho e libertarem seus corpos do vaivém rítmico das máquinas e da monotonia das linhas de montagem. No entanto, é a todos que se promete o sonho desta libertação: faz parte das utopias contempo-

râneas, à direita e à esquerda, o belo dia em que todos estarão liberados das fadigas do trabalho, em que tudo será feito pelos botões das máquinas e até mesmo por máquinas que acionarão botões e produzirão máquinas.

Este sonho é absolutamente necessário se se quiser compreender a “liberação” corporal. Sabemos muito bem hoje que é uma ingenuidade acreditar que a alienação do trabalhador se reduza a uma simples questão de relação patrão-empregado e que deva desaparecer espontaneamente com a abolição das relações de classe e da exploração do homem pelo homem. As coisas não são tão simples, infelizmente. É verdade que o operário não tem direito algum sobre o produto de seu trabalho. É verdade que os artefatos que fabrica não têm referência alguma a ele, constituem um mundo que lhe é estranho e mesmo hostil, agredindo-o muitas vezes como a um inimigo. É verdade que o homem que trabalha neste sistema, sendo explorado, aliena-se *em* e *por* seu trabalho. Ainda por cima o resultado de seu labor lhe é mostrado, ao final, não como resultante de seu esforço de produção, de sua labuta corporal e/ou intelectual, mas como decorrência mítica da “tecnologia” e do “progresso”.

Tudo isso é verdade. Não obstante, muito além disso, não podemos esquecer que as usinas, fábricas, oficinas e escritórios modernos são projetados tecnicamente e organizados para que em seu espaço qualquer invenção criativa, qualquer gesto deslocado, qualquer manifestação espontânea de vida não programada seja impossível. Não podemos subestimar que os corpos neles inseridos são devorados por encadeamentos medidos segundo o ritmo das máquinas e das agendas, ritmos que determinam *a priori* e exteriormente todos os gestos. Ritmos que transformam progressivamente os trabalhadores em complementos das engrenagens.

Insatisfatório para o sistema produtivo e insatisfeito com seu lugar no mesmo, o corpo deverá progressivamente sair das fábricas. Neste segundo ato, não é mais o corpo-ferramenta que ocupará o proscênio. Nesta civilização de abundância industrial, de lazer e consumo, o corpo terá, doravante, nova tarefa: a de ser o suporte material e ideológico da produção. Não mais se queimando como carvão nos fornos das usinas, mas digerindo mercadorias, des-

truindo-as e aniquilando em escala industrial, para que novas levas produtivas tenham lugar.

Aí está o novo corpo, agora ponto fundamental de articulação da produção com o consumo, agora ponto crucial da *re-produção* do sistema. Aí está o novo corpo, agora plenamente “livre”, estetizado, vestido, curtido, ginasticado, medicalizado, indo e vindo. Cada parte deste novo corpo – das unhas (esmaltes, lixas, alicates...) aos fios de cabelo (xampus, rinses, secadores...), do estômago (alimentos, digestivos, restaurantes...) aos órgãos sexuais (talcos, cremes, desodorantes, preservativos...) – cada ínfima parte se transformou em consumidor especializado.

Surge daí um corpo aparentemente liberado do dever. Um corpo destinado às férias e às horas livres, voltado para o lazer, o prazer e o gozo. Um corpo belo e liso, sem calos nem cicatrizes. Corpo sem signos de trabalho, corpo sorriso, corpo publicitário. “Livre” do constrangimento de ser alugado como meio de produção, “liberado” da submissão ao ritmo exterior das correias e alavancas. Finalmente o corpo da sociedade industrialmente avançada: inteiramente “meu”. O corpo de quem sabe o que quer, de quem pode ir e vir, de quem consegue gozar, de quem é dono do próprio nariz, de quem está na sua, de quem é aberto e sem preconceito. O corpo que pertence a quem tem sucesso, toma decisões inteligentes, aprecia o sabor de aventura e os raros prazeres.

Enfim, o meu corpo – sem que o possessivo contenha pleonasmo. Finalmente, todos com seus corpos: eis a utopia maior. Cada um com a sua originalidade, genuinidade, especialidade; cada um, então, com sua individualidade, com seus próprios limites, seu território à parte, que deve ser preservado. O direito de cada um começa onde termina o do outro: é por isso que, nas línguas das sociedades industrialmente desenvolvidas, devemos pedir desculpas ao interlocutor desconhecido, quando lhe dirigimos a palavra, quando tocamos involuntariamente em seu corpo ou em algo seu. É preciso não misturar e confundir as identidades individuais: no final do processo, não mais todos com *seus* corpos e *suas* sepulturas, mas com *seus* xampus, *seus* vestimentos, *seus* apartamentos, *seus* grilos, *seus* direitos, *seus* para-brisas, *seus* pneus, *seus* inconscientes, *seus* amores, *seus* tempos, *seus*, *seus*, *seus*...

Enfim, o corpo meu, individual. Mas também o corpo banal, medíocre, corriqueiro, comum. O corpo “original”, da sociedade em que a originalidade, procurada por todos, banalizou-se. O corpo “extraordinário”, do mundo em que a excepcionalidade, buscada por cada um, se transformou em regra geral. O corpo “individual”, de um contexto em que a coisa mais comum e coletiva é exatamente o individualismo.

Ironia: no momento em que narcisisticamente contemplo e cultuo minha individualidade “própria”, no momento em que a promovo, investindo nela e transformando-me em empresário de mim mesmo, descubro que esta é a maneira de ser o mais medianamente parecido com todo mundo. Este é o corpo-consumidor, de uma sociedade em que a liberdade se define pela possibilidade de optar, de escolher segundo preferências individuais. Mas é também o corpo de uma sociedade em que não é possível não optar. Corpo de um mundo em que as tendências sexuais, por exemplo, podem se manifestar “livremente”; mas também em que é obrigatório que se manifestem. Corpo de um tempo em que finalmente o orgasmo pode ser “atingido” ou “conseguido”; mas também de um tempo em que é vergonhoso não o “atingir” ou “conseguir”. Corpo de um sistema em que se cultuam as individualidades, de um sistema que se pulveriza em miríades de indivíduos, cada um com seu corpo, cada um “na sua” – mas em que todos são paradoxalmente impotentes enquanto indivíduos.

Este é o corpo do qual se pensa que em breve estará liberado de morrer. O corpo que, segundo os devaneios, não perderei jamais. Afinal, ele não é como que formado de peças substituíveis, passíveis de regeneração estética, cirúrgica ou genética? Tal corpo só morrerá por acaso: se eu esquecer de fazer ginástica, *check-up* rotineiro, dietas... Mas, mesmo nesta hipótese, restará ainda a possibilidade de congelá-lo e o conservar, até que a ciência venha a dispor dos meios de livrá-lo da disfunção de que teria quase morrido.

Criogenizado, conquistarei até a eternidade o gozo do meu corpo, aqui mesmo, continuando a consumir os prazeres desta vida. E consumindo desbragadamente, porque o suposto realmente atuante é o de que nada é esgotável: nem a vida individual, nem a natureza que se explora com a voracidade da indústria. Suprema ma-

nifestação da audácia humana, o congelamento por criogenização exprime com rara nitidez até onde pode ir a ideologia individualista de nossa sociedade: os laços afetivos concretos não importarão mais, os amigos, os companheiros, ficarão para trás ou deverão ser descartavelmente substituídos. Só a vida corporal individual interessa. Perguntas sobre se a vida após o degelo valerá a pena, sobre onde estarão os amigos de antes, a mulher, os filhos, absolutamente não se formulam. Como também não se questiona sobre se haverá lugar no planeta para as gerações futuras.

No plano histórico, a criogenização e mais recentemente os delírios de clonagem humana delineiam o que é imperceptível no nível biográfico-individual. Embora de modo tendencial e ainda indicativo, nela se esboça um futuro já sutilmente contido no presente do corpo “liberado”: o tempo paralisado, a história apagada, a permanência exaltada, o poder divinizado - tudo isto sob as vestes do “prazer” e do “desejo”. Poder pleno, apoteótico, para o qual mais progresso será totalmente desnecessário.

2. Roteiro de estudos e pesquisas

2.1. Lógica dos textos

A bibliografia contida neste roteiro foi organizada para que possa ser utilizada de diversos modos. Ela poderá ser consultada para atender necessidades de pesquisa e conhecimento sobre as visões teóricas abrangentes das ciências humanas e sociais em relação às questões como o corpo, a beleza, a feminilidade. Pode também atender aos pesquisadores de tópicos específicos, de certos contextos e experiências em diferentes sociedades e épocas e, ainda, aos interessados na pesquisa dos significados destas temáticas na cultura e na história do Brasil.

É importante destacar que a produção intelectual das ciências humanas atinge números impressionantes. O volume deste material pode ser estimado, numa avaliação conservadora, como alguma coisa na casa dos milhares de livros, artigos, *papers*, dissertações, teses, ou relatórios acadêmicos. Assim, todo levantamento bibliográfico que pretenda esgotar estes temas corre um duplo risco: de um lado, levar um tempo excessivo para ser realizado e, de outro, reunir textos com graus diversificados de interesse como fonte de informação.

É evidente também que, em qualquer pesquisa bibliográfica, a maior ou menor amplitude da produção intelectual obtida será função dos critérios adotados para estimar o grau de pertinência ou não de determinado texto ao escopo do levantamento. Assim, por exemplo, um texto sobre *mulher* analisando questões como *poder, liberdade e voto* pode ou não pertencer ao escopo de um levantamento bibliográfico sobre o *universo feminino* de acordo com os critérios que se definam. A seleção dos textos depende sempre de uma lógica classificatória. Em razão do objetivo maior deste projeto, o foco de seleção aqui empregado foi, evidentemente, o interesse que determinado texto poderia virtualmente possuir como conhe-

cimento disponibilizado para o aprofundamento dos estudos e pesquisas sobre a questão do corpo e seus significados socioculturais.

Desta forma, procuramos assumir critérios precisos no intuito de oferecer a máxima operacionalidade possível à bibliografia levantada, tendo em mente o propósito de propiciar material acessível para os estudiosos interessados no tema e para a realização de diferentes tipos de pesquisas. Ainda assim, e mesmo realizando um esforço sistemático para agrupar e sendo muito seletivo no processo de escolha, o número de textos envolvidos é extremamente alto. Para que o material aqui selecionado – cerca de 500 textos – possa ter o valor operacional desejável, foram definidos alguns critérios de classificação dos estudos, como veremos no item *Crítérios de classificação*.

Outro ponto importante que precisa ser explicitado é que os textos que circulam no mundo acadêmico diferem segundo certos propósitos ou finalidades (uma tese, um relatório, um livro, um texto para congresso etc). Assim, neste levantamento bibliográfico foram reunidos textos que podem ser agrupados em quatro grandes grupos – livros ou coletâneas de ciências humanas e sociais, artigos acadêmicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Estas modalidades de produção científica, em que pese seu diferencial interno quanto ao rigor intelectual, alcance, tamanho e objetivo acadêmico, representam um retrato bastante fidedigno do *estado da arte* no qual se encontra um determinado campo ou tema de pesquisa. Ainda mais: como contribuição adicional a este levantamento de informações básicas, também foi listada uma quantidade significativa de textos, tais como manuais ou guias de beleza feminina, que, embora sejam materiais não acadêmicos, são o que se chama em antropologia de *discurso nativo* e podem ser uma contribuição relevante para propósitos das análises críticas.

2.2. Fontes de pesquisa

No mapeamento desta extensa produção intelectual, procuramos identificar textos que, com mais ou menos ênfase, maior ou menor profundidade, investigassem diferentes aspectos relaciona-

dos aos significados culturais do corpo, da beleza e do universo feminino em geral e, particularmente, na cultura brasileira. Realizar um levantamento de textos que tratam destes temas significa entrar em contato com uma vasta produção acadêmica, uma vez que temas como “corpo” ou “mulher” são questões intelectuais importantes na contemporaneidade ao mesmo tempo que representam uma significativa tradição de pesquisa universitária nas ciências sociais.

Para buscar estes textos, além, naturalmente, do recurso aos nossos arquivos particulares, foi utilizada uma estratégia tanto de pesquisa presencial em bibliotecas quanto de pesquisa virtual pela internet. Assim, a pesquisa presencial aconteceu, principalmente, na Biblioteca Nacional, pois se trata de uma das dez maiores bibliotecas do mundo em volume de livros. Também foram pesquisadas as bibliotecas de ciências humanas e sociais das duas principais universidades da cidade do Rio de Janeiro – a PUC-Rio e a UFRJ. Na primeira delas, a biblioteca central e as bibliotecas setoriais acham-se em um único *campus* universitário. Na segunda, as bibliotecas estão em diferentes *campi* espalhados pela cidade e foram escolhidas aquelas, pertencentes a unidades e departamentos especializados em humanidades. No nosso caso eram estas as mais importantes por concentrarem materiais relacionados com os objetivos da pesquisa. Ainda foram pesquisadas algumas das principais livrarias do Rio de Janeiro. Nas consultas virtuais, o esforço concentrou-se em dois lugares: a *Bibliothèque Nationale de France* (BNF) e a *The Library of Congress*, sites de livrarias virtuais, entre elas, *Amazon Books* ou *Barnes & Noble*, editoras como a *Cambridge University Press*, além de diversos sites de universidades brasileiras e estrangeiras.

2.3. Critérios de classificação

Para facilitar a consulta deste levantamento bibliográfico, os textos selecionados foram divididos em seis grupos: “Referência geral”; “Tópicos específicos”; “História”; “Brasil”; “Discurso nativo”; e “Dissertações e teses”. Os textos componentes dos quatro primeiros grupos – foram subdivididos em duas rubricas: “prin-

“principais” e “complementares”, como forma de classificar ainda melhor o volume de textos.

O grupo “Referência geral” diz respeito aos textos mais amplos, gerais, abrangentes e, em certo sentido, os mais fundamentais por apresentarem os cruzamentos, encontros e interseções das temáticas do corpo, da beleza e do universo feminino tal como investigadas da perspectiva cultural, antropológica, sociológica, psicológica e simbólica. O exemplo de uma referência clássica neste grupo é o artigo *As técnicas corporais* do antropólogo Marcel Mauss, que inaugurou a discussão sobre o significado cultural do corpo como uma problemática das ciências sociais.

O grupo “Tópicos específicos” trata de questões particulares da nossa temática, tais como a maquiagem, o cabelo, a face, ou as tatuagens. Um exemplo de trabalho clássico neste grupo é o artigo *La prééminence de la main droite: étude sur la polarité religieuse* de Robert Hertz, que foi um dos primeiros a tomar uma questão específica sobre o corpo – a proeminência da mão direita – e estudar seu significado cultural. O grupo “História” trata da beleza, do universo feminino e do corpo desde uma perspectiva da história cultural, analisando questões mais específicas e pontuais como a história da beleza americana, até abordagens mais abrangentes. O exemplo de um clássico neste grupo é a coletânea em cinco volumes *História das mulheres no ocidente* organizada pelos historiadores Georges Duby e Michelle Perrot.

O grupo “Brasil” trata dos aspectos culturais e históricos das temáticas de nosso interesse na sociedade brasileira. Um bom exemplo de livro clássico neste grupo é *Modos de homem & modas de mulher* do antropólogo Gilberto Freyre.

Todos os grupos acima são subdivididos em dois grupos. Os “principais” são aqueles que nos pareceram capazes de oferecer maior rendimento para a compreensão dos significados culturais dos temas. O grupo “complementares” é composto de livros igualmente importantes, pois podem servir como aprofundamento ou complementação ao grupo que chamamos “principais”. Na apresentação da bibliografia, os “principais” aparecem em formato destacado, pois além das informações básicas – título, autor, local, editora e ano – trazem algumas observações sobre o conteúdo e a

importância do livro. Os “complementares” são apresentados no formato bibliográfico padrão sempre que as informações necessárias para tanto foram obtidas.

Finalmente, os grupos “Discurso nativo” e “Dissertações e teses” são, em certo sentido, especiais. O primeiro porque é uma extensa seleção de manuais, técnicas, programas, receituários, enciclopédias, almanaques ou guias, escritos por *nativos* ou *especialistas* (atrizes, cabeleireiros, estrelas, médicos, modelos) tratando de corpo, maquiagem, pele, cabelo, etiqueta, gosto, cuidados e outros. Estes guias, em que pese não se enquadrarem como *estudos acadêmicos* sobre as temáticas em questão, podem ser importantes, pois seu conjunto forma um discurso que possui ampla repercussão no público consumidor de informação sobre o corpo. Esses livros também são apresentados no formato bibliográfico padronizado.

O grupo “Dissertações e teses”, como o nome diz, lista algumas das mais interessantes dissertações de mestrado e teses de doutorado que tangenciam os temas de nossa pesquisa. Estas dissertações e teses são apresentadas por áreas – ciências sociais, comunicação, história e psicologia – e têm como referência o título, autor, universidade onde foi defendida e ano da defesa. Em todos os textos de todos os grupos, a ordem utilizada é sempre aquela adotada em bibliografias universitárias – o último sobrenome do autor ou autores.

2.4. Chaves para leitura

Quando examinamos a ampla bibliografia levantada neste roteiro, alguns aspectos teóricos gerais se destacam dos textos. Isto indica que certas questões, ideias e problemas são invariantes, atravessando, como preocupação intelectual, os diferentes estudos que abordam os significados culturais do corpo.

De fato, por maior que seja a diversidade das perspectivas contidas nas centenas de obras⁵ de cientistas sociais examinadas neste

⁵ Evidentemente, não estamos computando neste total mais de uma centena de textos que formam o conjunto “Discurso nativo”, pois não podem ser considerados estudos realizados por pesquisadores acadêmicos, mas textos de especialistas em “beleza”, “estética”, “boa forma” e “bem-estar”, tratando de técnicas corporais diversas.

levantamento bibliográfico, existem nelas alguns aspectos comuns que merecem ser destacados. Estes aspectos permitem uma compreensão abrangente de algumas ideias que formam uma espécie de senso comum entre pesquisadores destes temas. O conhecimento destas ideias principais permite que se obtenha um quadro relativamente completo do estado da arte em relação a esse complexo debate.

Nesse sentido, um primeiro ponto se destaca ao tomarmos contato com a bibliografia. Trata-se da ideia absolutamente recorrente nos textos de que questões como o *corpo* e/ou a *beleza feminina* devem ser trabalhadas intelectualmente de um ponto de vista multidisciplinar. Isto quer dizer que há uma tendência majoritária nos estudos ao adotar uma análise que atravessa diferentes disciplinas das ciências humanas.

É significativo o número de estudos que, apesar de privilegiarem uma perspectiva definida – antropologia, psicologia ou história, por exemplo –, não abrem mão de incluir ideias, análises e observações produzidas por perspectivas disciplinares diversas. Em outras palavras, um estudo que se autodefine como de antropologia pode, e usualmente o faz, dialogar com interpretações, *insights* ou informações provindas de trabalhos realizados no âmbito de outras disciplinas, como a psicanálise ou a ciência política, por exemplo.

É comum vermos estudos que falam de aspectos culturais e coletivos fazendo referências às implicações individuais e subjetivas das práticas corporais da sociedade, articulando antropologia e psicologia. No sentido inverso, estudos de base teórica psicanalítica, e que têm como questão central as percepções subjetivas do corpo e da beleza, fazem referência aos modelos culturalmente padronizados que afetam estas experiências de construção da individualidade.

Diversos estudos realizados por historiadores e, portanto, voltados para contextos temporais específicos, fazem referência constante a trabalhos de antropólogos e sociólogos. Os estudos que tratam de questões relacionadas à dimensão disciplinar que se exerce sobre as práticas corporais e os padrões ideais de beleza – estudos de poder e de política, em certo sentido – se referem, sistematicamente, aos trabalhos de historiadores e antropólogos. Com isto

observamos uma tendência, quando a pesquisa é sobre *corpo* ou *beleza*, para análises que transitam através de diferentes campos de saber, mesmo que seu ponto de partida teórico dominante e suas perspectivas de interpretação estejam bem estabelecidos em uma disciplina.

Este primeiro ponto comum entre os diversos textos é fundamental, uma vez que permite deduzir que é a própria natureza complexa dos objetos – *corpo* e *beleza* – que leva os pesquisadores a tenderem a trabalhar, como se pode perceber, em perspectiva multidisciplinar. De fato, os objetos em questão atravessam diferentes campos de conhecimento quando se avança no esforço de realizar sua interpretação cultural. A ideia, solidificada nos textos, que indica uma espécie de *necessidade multidisciplinar* quando se pesquisa o significado cultural de objetos complexos nos direciona para um segundo ponto fundamental. A pesquisa da dimensão cultural e simbólica do corpo exige o esforço conjugado de vários campos de saber em razão da complexidade envolvida em sua natureza multifacetada.

Este é o segundo ponto que se pode depreender dos textos da bibliografia: os temas configuram objetos multifacetados. Isto quer dizer que, para os pensadores que pesquisam os significados destes temas sob a ótica cultural, o corpo não pode ser referenciado como algo neutro, biológico, frio, exato, médico, insensível ou independente, nem a beleza como algo universal, dado, essencial, único ou descontextualizado. O corpo não é composto de tecidos, carnes, ossos, fluidos, células e líquidos. Tampouco a beleza é composta de imperativos estéticos, categorias absolutas, conteúdos plenos, certezas acabadas ou verdades metafísicas.

Antes, de outra maneira, o corpo e sua estética são sempre realidades que se dão a conhecer de forma contextualizada, construída por valores culturais, práticas e categorias de pensamento referenciadas a situações sociais específicas. A realidade cultural destes temas está em modelos que são elaborados e construídos por meio de experiências sociais concretas que lhes dão o significado e lhes atribuem valores diferenciados.

Cada cultura *fabrica*, modela ou constrói suas experiências particulares do que é belo ou não, e atribui diferencialmente seus ideais

de corpo. Os usos e as práticas variam imensamente segundo contextos históricos, sociais e culturais. O corpo é uma espécie de cabide de símbolos, matéria suficientemente plástica para que sobre ele incidam os valores de cada cultura, sendo que tanto *corpo* quanto *beleza* são, acima de tudo, formas de expressão concreta e contextual de desejos, representações, ideologias e sistemas simbólicos das diversas culturas.

A questão que esses textos colocam de forma fundamental é a seguinte: os seres humanos, em todo o planeta, possuem um mesmo corpo biológico, porém, as formas pelas quais eles o concebem, representam, usam, maltratam, embelezam, tocam, cheiram, controlam, disciplinam, evitam ou retiram prazer variam intensamente. Também os seres humanos, em todo o planeta, possuem um ideal de beleza, porém, as formas assumidas por esta beleza - gorda ou magra; alta ou baixa; tal ou qual cor de pele e cabelo; maquiada; tatuada; com ou sem pelos; olhos e pés pequenos ou grandes; unhas coloridas, longas, ou curtas; cheiros variados; lábios finos ou grossos; dentes coloridos, brancos ou limados; *piercings*, incisões ou escarificações; pinturas diversas, cheiros fortes ou ausentes - também variam intensamente.

Esta imensa capacidade do corpo de receber e expressar os valores e práticas de uma determinada sociedade nos leva em direção ao terceiro ponto fundamental que podemos encontrar como aspecto comum entre os vários textos que pensam estas questões de um ponto de vista cultural. Trata-se da ideia de que a importância e validade dos estudos sobre *corpo* e *beleza* encontram-se muito mais na pesquisa contextualizada do que nas generalizações. Ou seja: dada a diversidade desses objetos como expressão de ideologias e práticas e sua plasticidade como material de efeito cultural, os estudos tendem para uma interpretação muito mais com referências a contextos históricos e sociais específicos do que por intermédio de possíveis leis ou generalizações. A perspectiva correta não está na busca de algum modelo único e abrangente que possa, digamos, atravessar a diversidade cultural humana e sim numa ênfase no contexto, na circunstância, no local.

Assim, a contextualização é uma das chaves mais marcantes para a pesquisa e a análise dos significados culturais do corpo. Ape-

sar do fato de que a sociedade contemporânea apresenta insistentes sinais de mundialização da cultura ou padronização de valores, sobretudo através da cultura de massa, também um movimento no sentido inverso se faz atuante e encontramos um profundo processo de fragmentação que igualmente marca a experiência de nosso tempo. Contextualizar parece ser uma estratégia absolutamente segura para o conhecimento adequado dos significados culturais e dos valores sociais relacionados com os temas dessa bibliografia.

Finalmente, muitos dos textos que fizeram parte de bibliografia levantada falam do corpo e da beleza tendo como pano de fundo o contexto específico da cultura brasileira. Também aqui podemos identificar elementos em comum entre os textos. É evidente que os estudos dos pensadores brasileiros, sobretudo antropólogos, acerca destes objetos reproduzem os mesmos pontos colocados acima.

Assim, são três os principais pontos em comum entre os textos. O primeiro é a tendência para a adoção da perspectiva multidisciplinar. O segundo é a preocupação em demonstrar que corpo e beleza são elaborados, construídos ou fabricados socialmente como *lugares* privilegiados para a expressão de valores, ideologias e práticas da cultura. E, finalmente, o terceiro é a tendência marcante para o estudo contextualizado como chave para a pesquisa segura sobre os significados culturais desses objetos. É natural, portanto, que estes três pontos se reproduzam nos textos cujo foco da análise é a cultura brasileira.

Mas, no caso do Brasil e de nossa cultura, um outro elemento se agrega a estes três como uma questão relativamente recorrente nos textos. Trata-se do fato de que o Brasil, em certo sentido, traduz uma experiência ao mesmo tempo singular e complexa. Ou seja: a cultura brasileira pode ser vista como uma espécie de *microcosmo* para as questões do corpo e da beleza feminina. Estes temas assumem aqui, talvez, uma complexidade maior do que em outras culturas.

Em primeiro lugar, pelo fato de que, em nossos 500 anos de história, tenhamos nos conjugado com uma ampla variedade de populações provindas de diferentes regiões do planeta. Assim, nos primeiros séculos, os habitantes nativos (que não eram poucos nem idênticos entre si) receberam levas de populações europeias

provindas da península ibérica (que já haviam incorporado um elemento do mundo árabe em razão da ocupação islâmica anterior), além das tentativas de fixação de franceses e holandeses. A estes dois fatores se agrega uma ampla diversidade de contingentes populacionais provindos do continente africano. Ainda mais: a partir, principalmente, da segunda metade do século XIX e até boa parte do XX, recebemos contingentes populacionais provindos de quase todas as partes do planeta. Assim, levas sucessivas de imigrantes árabes, judeus, japoneses, italianos, eslavos, alemães, portugueses, espanhóis, além de grupos do leste europeu (lituanos, poloneses, entre outros), se incorporaram ao cenário da cultura brasileira.

Outro aspecto central é que estes diferentes tipos culturais e físicos que fizeram parte deste processo considerável de imigração foram, de uma forma ou de outra, absorvidos pela sociedade brasileira. Aqui não se realizou, ao menos explicitamente, nenhuma forma de *apartheid* e a cultura brasileira, de diferentes formas, absorveu estes grupos em diversos planos – casamento, negócios, amizade, família, entre outros – de convívio social. Assim, no Brasil possuímos múltiplas formas de corpo e múltiplas faces, como atesta o fato de que, no mercado negro de passaportes, o nosso possui imenso valor: qualquer rosto pode ser brasileiro. Entretanto, isto não significa inexistência de preconceitos ou atitudes etnocêntricas em relação às várias populações que compuseram o povo brasileiro, nem que seja possível diminuir as máculas ainda permanentes da escravidão.

Por força deste processo, nossos padrões de plasticidade dos corpos ou modelos de beleza feminina incorporam um imaginário que vai da *mulata* de carnaval até a *lourinha* queimada de sol, passando pelas *índias* de José de Alencar, as *polacas* do passado, as *morenas* da praia ou as várias formas de beleza feminina exaltadas na literatura e na música popular.

Em razão deste quadro complexo, os estudos sobre corpo e beleza feminina, tal como são experimentadas em sua relatividade na cultura brasileira, necessitam de um grau bastante preciso de contextualização e um refinamento que possa oferecer consistência interpretativa. Os significados do corpo e da beleza na cultura brasileira assumem contornos muito complexos, demandando um es-

forço etnográfico de pesquisa. Nele, a precisão e a profundidade do estudo sobre os valores de determinado grupo social é o caminho mais adequado para entender de forma consistente como a cultura brasileira elabora e fabrica seus significados em relação ao corpo e à percepção do que nele é belo.

3. Referência geral

3.1. Textos principais

Em ordem alfabética por sobrenome dos autores:

Título: *Defining females: the nature of women in society*

Autor: ARDENER, Shirley (ed.)

Local/Editora/Ano: New York: John Wiley & Sons Inc., 1978.

Coletânea de ensaios discutindo a posição estrutural da mulher e sua relação com os limites socioculturais condicionadores do comportamento feminino. Ensaios de antropólogos, sociólogos, psicólogos, etnólogos e neurologistas analisando as formas pelas quais as diversas culturas identificam e elaboram aspectos da vida da mulher tais como: virgindade, corpo, sexualidade, beleza, maternidade, entre outros.

Título: *Looking on: images of femininity in the visual arts and media*

Autor: BETTERTON, Rosemary (ed.)

Local/Editora/Ano: London: Pandora, 1987.

Coletânea de artigos que tratam da beleza feminina e do sentido estético desta beleza tal como se apresenta na arte e na mídia.

Título: *Beauté du siècle*

Autor: CHAHINE, Nathalie et al.

Local/Editora/Ano: Paris: Assouline, 2000.

Coletânea de artigos sobre estética, beleza feminina, beleza corporal e expressão artística no século XX.

Título: *Beauty secrets: women and the politics of appearance*

Autor: CHAPKIS, Wendy

Local/Editora/Ano: Boston: South End Press, 1986.

Livro que analisa as relações entre aparência, gênero e sexualidade, discutindo as noções de beleza e feiúra, o racismo, os padrões

de beleza e o papel da classe social na construção das imagens da beleza.

Título: *Writing on the body*

Autor: CONBOY, Katie; MEDINA, Nadia; STANBURY, Sarah (eds.)

Local/Editora/Ano: New York: Columbia University Press, 1997.

Importante coletânea de textos que analisam o corpo a partir de uma perspectiva transdisciplinar. O corpo é estudado como lugar onde se inscrevem as representações da identidade e da diferença. O livro analisa as tensões que atravessam as experiências femininas concretas do corpo e os significados e expectativas culturais em relação ao corpo da mulher. Os diversos artigos do livro tratam de temas como menstruação, pornografia, estupro, anorexia, maternidade, erotismo, fisiculturismo, raça, classe social e categorias sexuais.

Título: *Embodiment and experience: the existential ground of culture and self*

Autor: CSORDAS, Thomas J. (ed.)

Local/Editora/Ano: Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Coletânea de artigos que analisam as diferentes formas através das quais os valores culturais são inscritos no corpo, fazendo dele tanto uma fonte de símbolos quanto um instrumento da experiência. Os artigos do livro tratam de temas como hábitos alimentares, dietas, a experiência da dor, a expressão das emoções, a violência em uma abordagem fenomenológica que ressalta a experiência vivida da subjetividade sobre o eu e a cultura.

Título: *A expressão das emoções no homem e nos animais*

Autor: DARWIN, Charles

Local/Editora/Ano: São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

Trata-se de uma obra pioneira, fundadora da observação dos corpos em suas dimensões comunicacionais.

Título: *Da cultura do corpo*

Autor: DAOLIO, Jocimar

Local/Editora/Ano: Campinas: Papirus, 1995.

O livro estuda, através de uma abordagem antropológica, os signi-

ficados do corpo como sede de signos e as formas pelas quais este corpo é culturalmente construído.

Título: *Fashion, culture and identity*

Autor: DAVIS, Fred

Local/Editora/Ano: Chicago: University of Chicago Press, 1994.

O livro analisa a indústria da moda a partir de entrevistas com designers, editores de moda, produtores, etc, procurando entender os estilos de vestuário e os ciclos de invenção e obsolescência da moda. O estudo indica que estes ciclos, assim como muito do que assumimos como individual na moda, está mais relacionado às forças sociais e culturais que agem em um complexo mercado de bens simbólicos.

Título: *Body language*

Autor: FAST, Julius

Local/Editora/Ano: New York: Evans, 1970.

Estudo introdutório sobre as questões relacionadas à comunicação não verbal e aos significados dos movimentos corporais.

Título: *Beleza do século*

Autor: FAUX, Dorothy Schefer

Local/Editora/Ano: São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

Livro dedicado ao tema da beleza, analisando arquétipos, mitos e padrões de beleza de cada época. Nele é construída uma história universal da beleza e de suas relações com arte, cosméticos, revistas, perfumes, beleza étnica e, sobretudo com aspectos da nossa época marcada por uma busca constante de novidades relacionadas à beleza. O livro é ilustrado com imagens de mulheres anônimas, atrizes, princesas, divas, estrelas do rock, entre outras.

Título: *Imagem da mulher na cultura contemporânea*

Autor: FERREIRA, Silvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (orgs.)

Local/Editora/Ano: Salvador: UFBA / NEIM, 2002.

Coletânea de artigos que debatem diferentes aspectos da imagem que o mundo feminino possui na cultura contemporânea.

Título: *L'éternel féminin: une histoire du corps intime*

Autor: FONTANEL, Béatrice

Local/Editora/Ano: Paris: Le grand livre du mois, 2002.

Um livro que discute a beleza corporal da mulher através de uma análise da estética na arte, principalmente na pintura do século XIX, seus motivos e temas centrais relacionados à beleza feminina.

Título: *Vigiar e punir*

Autor: FOUCAULT, Michel

Local/Editora/Ano: Petrópolis: Vozes, 2011.

Livro fundamental para compreender as dimensões políticas do corpo nas sociedades modernas e contemporâneas.

Título: *Fabrications: costume and the female body*

Autor: GAINES, Jane; HERZOG, Charlotte

Local/Editora/Ano: New York: Routledge, 1990.

Um livro sobre a construção do corpo feminino na cultura pós-industrial desde o estilo *sweetheart* dos anos cinquenta até os corpos malhados e mesmo fisiculturismo contemporâneo. O livro discute aspectos do consumo, da mídia, da indústria da moda e do cinema, procurando pensar o lugar da mulher como participante neste processo de construção do corpo como consumidora, espectadora e produtora.

Título: *Stigma*

Autor: GOFFMAN, Erwin

Local/Editora/Ano: Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

Um livro fundamental para compreender as questões de identidade corporal, em uma perspectiva interacional e simbólica.

Título: *A representação do eu na vida cotidiana*

Autor: GOFFMAN, Erwin

Local/Editora/Ano: Petrópolis: Vozes, 1975.

Um dos textos mais importantes sobre a construção social da aparência e sobre a negociação das identidades.

Título: *The silent language*

Autor: HALL, Edward

Local/Editora/Ano: Londres: Doubleday, 1990.

Observação minuciosa das relações corporais cotidianas, do ponto de vista das distâncias e proximidades mantidas e dos significados que elas comportam.

Título: *Les mystères de la femme: dans les temps anciens et modernes; interprétation psychologique de l'âme féminine d'après les mythes, les légendes et les rêves*

Autor: HARDING, Esther

Local/Editora/Ano: Paris: Payot, 1953.

Livro antigo e interessante que analisa a beleza, os mistérios, os perigos e os poderes da mulher em uma perspectiva psicológica que procura interpretar aspectos da chamada *alma feminina* nos mitos, lendas e sonhos desde tempos antigos até o mundo moderno.

Título: *Le martyre des affreux: la dictature de la beauté*

Autor: HERITIER, Jean

Local/Editora/Ano: Paris: Denoël, 1991.

Livro da conhecida coleção *Médiations* e que trata das dimensões sociais da beleza, da história da beleza corporal, das aparências individuais e da questão das deformações corporais e da fealdade.

Título: *Face value: the politics of beauty*

Autor: LAKOFF, Robin; SCHERR, Raquel

Local/Editora/Ano: Boston: Routledge/ Kegan Paul, 1984.

O livro procura analisar o que a cultura e a sociedade contemporânea chamam de “problema da beleza”, procurando inventariar a nossa fascinação com a questão da beleza e seus efeitos em nossas vidas através de uma análise dos mitos, da lingüística, da arte, da literatura e da cultura popular.

Título: *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*

Autor: LEAL, Ondina Fachel (org.)

Local/Editora/Ano: Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

Coletânea de 27 ensaios sobre temas diversificados e que possuem

como tema e objeto de pesquisa em comum os significados culturais do corpo. O livro também possui um conjunto teórico de textos, que auxiliam a interpretação das práticas e das representações dos grupos investigados e no entendimento de outros contextos culturais.

Título: *Usages culturels du corps*

Autor: LE BRETON, David

Local/Editora/Ano: Paris: L'Harmattan, 1997.

Um livro clássico que trata das relações que mantemos com nossos corpos como um elemento revelador das atitudes culturais, das práticas e comportamentos que traduzem a visão de mundo de uma sociedade. O livro mostra como, mesmo em sociedades bastante diferentes umas das outras, os corpos falam, se colocam nas cenas sociais e enunciam os sofrimentos pessoais. O corpo é uma forma de falar da alegria e da dor, da felicidade ou das dificuldades da vida e da doença. O livro conjuga antropologia e etnologia para estudar os usos sociais do corpo, o simbolismo dos órgãos ou humores, as representações e o lugar do corpo na modernidade.

Título: *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*

Autor: LIPOVETSKY, Gilles

Local/Editora/Ano: São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Livro importante que debate a condição feminina que, nos últimos 50 anos, acumulou mais e mais profundas transformações do que nos últimos séculos. O livro trata destas mudanças e seu impacto para as relações entre homens e mulheres, como elas se revelam no amor, na família e no trabalho. Os capítulos tratam de temas como amor, pornografia, sedução, mercado do corpo, estrelas, modelos, consumo, *boom* da beleza, entre outros.

Título: *No fundo das aparências*

Autor: MAFFESOLI, Michel

Local/Editora/Ano: Petrópolis: Vozes, 1996.

Livro sobre a importância das aparências e da beleza, debatendo o significado da imagem física, o poder da aparência, o culto das formas do corpo, as ilusões do corpo na cultura e na vida social.

Título: *Femmes au bain: les métamorphoses de la beauté*

Autor: MARNHAC, Anne de

Local/Editora/Ano: Paris: Berger-Levrault, 1986.

O livro estuda as concepções e metamorfoses da mulher e da beleza do corpo feminino tal como criadas e representadas na arte.

Título: *O corpo feminino em debate*

Autor: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel

Local/Editora/Ano: São Paulo: Unesp, 2003.

Uma coletânea de escritos de pesquisadores brasileiros e europeus que, a partir de uma perspectiva multidisciplinar, estudam o corpo feminino como objeto de análise de suas diferentes representações tal como são elaboradas no discurso médico, religioso, jurídico, midiático, cotidiano, artístico e literário.

Título: “As técnicas corporais”. In: *Sociologia e antropologia*, v. 2

Autor: MAUSS, Marcel

Local/Editora/Ano: São Paulo: EPU, 1974.

Um texto clássico que é, provavelmente, aquele que deu origem a uma perspectiva de estudos antropológicos e sociológicos sobre a temática do corpo, suas técnicas e seus usos na vida social. O texto de Mauss pode ser considerado a principal referência de teoria e pesquisa e, de alguma forma, fundamenta a maioria dos estudos sobre o corpo que assumem a ênfase sobre os seus significados culturais.

Título: *The body reader: social aspects of the human body*

Autor: POLHEMUS, Ted

Local/Editora/Ano: London: Penguin Books, 1978.

Coletânea de artigos sobre diferentes aspectos relacionados ao corpo por meio de abordagens multidisciplinares, particularmente as sociológicas, antropológicas, fisiológicas e psicológicas. No livro também são investigados problemas e questões especiais, tais como a decoração corporal e a linguagem corporal.

Título: *Feminist theory and the body: a reader*

Autor: PRICE, Janet; SHILDRICK, Margrit

Local/Editora/Ano: Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

Coletânea de alguns dos mais importantes autores feministas contemporâneos, com 40 artigos sobre o corpo. O livro é uma referência em estudos feministas e debate as questões do corpo através de temas como aborto, gravidez, maternidade, transexualidade, sexo, prazer, beleza, raça, doença, cirurgia plástica, tecnologias de reprodução, ciberespaço, alterações corporais, entre outros.

Título: *Le beau sexe faible: les images du corps féminin entre cosmétique et santé.*

Autor: REMAURY, Bruno

Local/Editora/Ano: Paris: B. Grasset/Le Monde, 2000.

Livro da coleção *Partage du savoir* e que trata dos sentidos, da história e das representações sociais da beleza. Debate também as questões do corpo da mulher em seus aspectos antropológicos relacionados a higiene, saúde e beleza feminina.

Título: *Dress, adornment and the social order*

Autor: ROACH, Mary Ellen; EICHER, Joanne Bubolz (eds.)

Local/Editora/Ano: New York: Wiley, 1965.

Um livro importante, principalmente em razão de seu pioneirismo ao debater aspectos sociais do gênero em relação aos usos de roupas e adornos como forma de elaboração e construção de identidades e de etnicidades em diferentes contextos culturais.

Título: *The quest for human beauty: an illustrated history*

Autor: ROBINSON, Julian

Local/Editora/Ano: New York: W.W. Norton & Company, 1998.

Livro aborda, através de imagens, a diversidade humana e as tradições culturais implicadas na busca permanente da beleza. O livro mostra as possibilidades culturais de elaboração estética da beleza corporal, através de diferentes formas de adornar e modificar o corpo e de técnicas de embelezamento.

Título: *Tabu do corpo*

Autor: RODRIGUES, José Carlos

Local/Editora/Ano: Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

Estudo pioneiro no Brasil ao abordar a questão do corpo como um suporte de símbolos. O livro possui sólida revisão teórica das perspectivas culturais de análise do corpo e também estuda sentimentos sociais específicos sobre o corpo, tais como as noções de higiene, emoção, nojo.

Título: *Políticas do corpo*

Autor: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.)

Local/Editora/Ano: São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

Coletânea de artigos sobre corpo e feminilidade a partir de uma perspectiva multidisciplinar, com ênfase na antropologia, na história e na arte, abordando em seus diversos capítulos temas como o *body-building* e o puritanismo da cultura norte-americana, a história do embelezamento feminino no Brasil, os remédios para curar a feiura, a beleza como dom, a obsessão higiênica, as imagens da mulher, entre outros.

Título: *Beauty and business: commerce, gender and culture in modern America*

Autor: SCRANTON, Philip

Local/Editora/Ano: New York: Routledge, 2001.

Livro que discute a questão da beleza como negócio na cultura norte-americana contemporânea, estudando temas como a construção do corpo ideal, as roupas, a moda, a indústria e o comércio da beleza.

Título: *The female body in western culture: contemporary perspectives*

Autor: SULEIMAN, Susan Rubin

Local/Editora/Ano: Cambridge: Harvard University Press, 1986.

O livro procura responder a questão das formas pelas quais o corpo feminino é culturalmente construído. Analisa a discrepância existente entre as leituras sociais que incidem sobre o corpo feminino e as formas pelas quais as mulheres interpretam e escrevem a si mesmas. Para entender esta contraposição de interpretações do corpo feminino, é utilizada uma abordagem multidisciplinar que envolve antropologia, arte, psicologia, semiótica e filosofia.

Título: *The body social: symbolism, self and society*

Autor: SYNNOTT, Anthony

Local/Editora/Ano: London: Routledge, 1993.

Um livro que explora, através da história, a noção do corpo e dos sentidos socialmente construídos. O livro trabalha uma revisão das teorias clássicas e contemporâneas sobre o tema e foca aspectos específicos deste corpo, pesquisando aspectos como: gênero, beleza, face, cabelo, toque, cheiro, entre outros.

Título: *Sociologie des pratiques d'entretien du corps: l'évolution de l'attention portée au corps depuis 1960*

Autor: TRAVAILLOT, Yves

Local/Editora/Ano: Paris: PUF, 1998.

Livro da coleção *Pratiques corporelles* que realiza uma sociologia do corpo, discutindo questões relacionadas aos aspectos sociais e culturais da saúde, da beleza corporal e da higiene, com foco nos aspectos sociais da cultura francesa.

Título: *The body and society: explorations in social theory*

Autor: TURNER, Bryan S.

Local/Editora/Ano: London: Sage Publications, 1996.

Livro que combina o discurso teórico de autores como Merleau Ponty, Marx, Feuerbach, Foucault, Freud, com as perspectivas interpretativas da antropologia, do interacionismo simbólico e do feminismo para pensar aspectos concretos do corpo como o jogo, o desejo, a história da anorexia, a sexualidade no cristianismo. O livro também enfatiza teorias culturais do corpo para entender a imaginação contemporânea, mostrando que nela existe um espaço significativo para que os problemas políticos e pessoais sejam elaborados no corpo e se expressem através dele.

Título: *Le corps redressé*

Autor: VIGARELLO, Georges

Local/Editora/Ano: Paris: Armand Colin, 2001.

O livro oferece uma visão histórica da pedagogia e das táticas aplicadas na fabricação dos corpos na sociedade ocidental moderna.

Título: *Em nome do corpo*

Autor: VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred

Local/Editora/Ano: Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

O livro estuda a incompletude do ser humano e mostra que a busca da perfeição passa por um desejo de intervenções em si mesmo e na natureza, sendo o corpo um objeto privilegiado para este projeto. O livro analisa o corpo na complexidade da cultura contemporânea, investigando aspectos tais como: modificações corporais, moda, tribos urbanas, *body-building*, entre outras como formas de construção das identidades.

Título: *Mirror mirror: images of women reflected in popular culture*

Autor: WEIBEL, Kathryn

Local/Editora/Ano: New York: Anchor Books, 1977.

O livro analisa como o mundo feminino é refletido na cultura de massa e nos meios de comunicação, investigando as formas pelas quais este reflexo afeta relações, existências e planos concretos de vida que são formados a partir de imagens e papéis estereotipados pela mídia. O livro mostra como as imagens midiáticas se incorporam na imaginação coletiva implicando uma complexa relação com as identidades e com as percepções de si mesmo.

3.2. Textos complementares

Em ordem alfabética por sobrenome dos autores:

ALBIN, Rochelle Semmel. *Health and beauty*. Philadelphia: Westminster Press, 1984.

ALLEN, Cynthia Culp; WINTERS, Charity Allen. *The beautiful balance for body and soul*. Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 2003.

ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ANDRIEU, Bernard. *Les cultes du corps: éthique et science*. Paris: L'Harmattan, 1994.

ANDERSON, Elizabeth. *Beauty and you*. London: Transworld, 1967.

ANDERSON, Jennifer. *The thinking woman's beauty book*. New York: Avon, 1979.

- ANDRADE, Janilto. *Da beleza à poética*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- AMSALLEM-RODE, Catherine; RAYJAL, Michèle. *La beauté, c'est naturel*. Paris: Le grand livre du mois, 1982.
- ANGIER, Natalie. *Mulher: uma geografia íntima*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ANZIEU, Annie. *A mulher sem qualidade: estudo psicanalítico da feminilidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- ANZIEU, Didier. *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
- ARON-BRUNETIÈRE, R. *La beauté et la médecine*. Paris: Stock, 1974.
- BAKER, Nancy C. *The beauty trap: exploring woman's greatest obsession*. New York: Franklin Watts, 1984.
- BARBER, Bernard; LOBEL, Lyle S. "Fashion' in women's clothes and the american social system". *Social Forces*, v. 31, n. 2, December 1952.
- BARGHEON, Jean. *Le bonheur d'être belle*. Paris: A. Michel, 1977.
- BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. São Paulo: Editora da USP, 1979.
- BASTIDAS, Cláudio. *Outra Beleza: estudo da beleza para a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1996.
- BASSOT, Jacques. *Le bien être et la beauté: l'essentiel sur médecine et la chirurgie esthétique*. Méolans-Revel: Désiris, 1998.
- BENSTOCK, Shari; FERRISS, Suzanne. *Por dentro da moda*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- BENTHALL, Jonathan. *The body electric: patterns of western industrial culture*. London: Thames & Hudson, 1976.
- BERNARD, Michel. *Le corps*. Paris: Senil, 1995.
- BERTHELOT, J.M. "Corps et société". *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXXIV: 119-131, 1983.
- BIOT, René. *Le corps et l'âme*. Paris: Plon, 1949.
- BIRDWHISTELL, Ray L. *Kinesics and context: essays on body-motion communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970.
- BIZOUARD, Colette; ROCHE, Danielle. *Retrouver l'estime de soi: soins esthétiques et beauté*. Lyon: Chronique Sociale, 1996.
- BLANCO, Isabel de Amado. *Más belleza para ti*. Ciudad de La Habana: Editorial Orbe, 1981.
- BOLTANSKI, Luc. *Consummation médicale et rapport au corps*. Paris: Centre de Sociologie Européene, 1969.

- _____. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- BOREL, France. *Le vêtement incarné: les métamorphoses du corps*. Paris: Calmann-Lévy, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2002.
- _____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *Le corps et le sacré*. Actes de la Recherche en Sciences Sociales 2, 1994.
- _____. "Alta costura e alta cultura". In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. Remarques provisoires sur la perception sociale du corps. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 14, 1977.
- BRAUNSCHVIG, Marcel. *La femme et la beauté*. Paris: Armand Collin, 1929.
- BROOKS, Peter. *Body work: objects of desire in modern narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- BRUHNS, Heloisa Turini. *Conversando sobre o corpo*. Campinas: Papirus, 1985.
- BRUAIRE, Claude. *A filosofia do corpo*. São Paulo: Herder, 1972.
- BUENO, Maria; CASTRO, Ana (orgs.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity (Thinking gender)*. London: Routledge, 1999.
- CAMPELO, Cleide. *Cal(e)idoscorpos: um estudo semiótico do corpo e seus códigos*. São Paulo: Annablume, 1995.
- CARPENTER, Dana; WINFREE, Woody (eds.). *I am beautiful: a celebration of women in their own words*. Bridgeport: Rose Communications, 1996.
- CASTRO, Ana. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume, 2003.
- CODINA, Rose. *Vivre en beauté toute la vie*. Paris: A. Michel, 1985.
- CODO, Wanderley; SENNE, Wilson A. *O que é corpo(latria)?* São Paulo: Brasiliense, 1985.
- COGAN, Jeanine C.; ERICKSON, Joanie M. (eds.). *Lesbians, levis, and lipstick: the meaning of beauty in our lives*. New York: Harrington Park Press, 1999.

- COURTINE, Jean-Jacques. *História do Corpo: as mutações do olhar*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CUVILLIER, Dominique. *Les femmes sont-elles solubles dans la mode?* Paris: Éd. des Écrivains, 2002.
- CUNHA, Kathia Castilho. "Contaminações arcaicas no corpo contemporâneo". *deSignis La Moda. Representaciones e identidade, v. 1*. Barcelona: Gedisa, 2001.
- CUNNINGHAM, M.R. "Their ideas of beauty are, on the whole, the same as ours: Consistency and variability in the cross-cultural perception of female physical attractiveness". *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 68, n. 2, 1995.
- DAÓLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 2005.
- DAYOT, Armand. *L'image de la femme*. Paris: Hachette, 1899.
- DOLTO, Françoise. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- DORIA, Francisco Antonio. *O corpo e a existência: uma psicanálise do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- DUARTE Jr., João Francisco. *O que é beleza?* São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DUFLOT-PRIOU, M-T. "L'apparence individuelle et la représentation de la réalité humaine et les classes sociales". *Cahier Internationaux de Sociologie*, 1981.
- DUKAN, Pierre. *Les hommes préfèrent les rondes*. Paris: Le Cherche Midi, 2003.
- DUTTON, K. *The perfectible body: the western ideal of physical development*. London: Cassel, 1995.
- ETCOFF, Nancy. *A lei do mais belo: a ciência da beleza*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- FISCHER, Seymour; CLEVELAND, Sidney E. "Personalidad, percepción del cuerpo y límites de la imagen corporal". In: WAPNER, S.; WERNER, H. *El percepto del cuerpo*. Buenos Aires: Paidós, 1969.
- _____. *Body image and personality*. New York: Dover Publications, 1968.
- FLUGEL, S. *The psychology of clothes*. Madison: International Universities Press, Inc., 1969.
- FOSTER, Patrícia (org.). *O corpo fala: aprenda a captar os sinais de alerta*. São Paulo: Best Seller, 1999.

- FOUQUET, Catherine. *La beauté, pour quoi faire?* Paris: Temps Actuels, 1982.
- FRUEH, Joanna. *Monster-beauty: building the body of love*. Berkeley: University of California Press, 2001.
- GALLAND, Maria; CHAUCHARD, Claude. *Toute la vérité en esthétique: à la recherche de l'éternelle jeunesse*. Paris: Buchet-Chastel, 1980.
- GARCIA, Wilton. *Corpo, Mídia e Representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- GARLAND, M. *The changing faces of beauty*. Northampton: Clarke and Sherwell, 1957.
- GIL, José. *Metamorphoses of the body*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1998.
- GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GOFFMAN, Erving. *Gender advertisements*. New York: Harper and Row, 1976.
- GRANDO, José Carlos (org.). *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001.
- GREER, Germaine. *A mulher eunuco*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.
- GRONOW, Jukka. *The sociology of taste*. London: Routledge, 1997.
- GROSZ, Elizabeth. *Space, time and perversion: essays on the politics of bodies*. London: Routledge, 1995.
- _____. *Volatile bodies: toward a corporeal feminism (Theories of representation and difference)*. Indiana: Indiana University Press, 1994.
- HANNA, Thomas. *The body of life: creating new pathways for sensory awareness and fluid movement*. New York: Alfred A. Knopf, 1980. (Inner Traditions Intl. Ltd.), 1993.
- HATFIELD, Elaine; SPRECHER, Susan. *Mirror, mirror: the importance of looks in everyday life*. Albany: State University of New York Press, 1986.
- HOEBEL, E. Adamson. *Clothing and adornment*. New York: McGraw-Hill, 1966.
- IRIGARAY, Luce. *Speculum: de l'autre femme*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1974.

- JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- JEUDY, Henri Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- JONES, Allen. *Allen Jones figures*. Milan: Galerie Mikro, Edizioni O., 1969.
- KAUFMANN, Jean Claude. *Corps de femmes et regards d'hommes: sociologie des seins nus*. Paris: Nathan, 1998.
- KEMP, Kênia. *Corpo modificado, corpo livre?* São Paulo: Paulus, 2005.
- KHAMED, Y. H. *Vénus Biblion, arcanes physiologiques: la beauté conservée et restituée par la science*. Paris: Paphos, 1899.
- KLIMOV, Alexis. *Terrorisme et beauté*. Québec: Éd. du Beffroi, 1986.
- KOLBENSCHLAG, Madonna. *Adeus, Bela Adormecida: a revisão do papel da mulher nos dias de hoje*. São Paulo: Saraiva, 1990.
- KÖNIG, René. *The restless image: a sociology of fashion*. London: George Allen & Unwin, 1973.
- LAMBERT, Ellen Zetzel. *A face do amor: a questão da beleza e a libertação da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes.
- LARRAIN, Gilles. *Idols*. New York: Links, 1973.
- LASOWSKI, Patrick Wald. *De la beauté des femmes: essai*. Paris: Gallimard, 1994.
- LAYER, James. "Fashion, art and beauty". *Metropolitan Museum of Art Bulletin*, v. 25, n. 3, November 1967.
- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias. Antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. *Anthropologie de la douleur*. Paris: Métailié, 2006.
- _____. *A sociologia do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. *La Peau et la Trace: sur les blessures de soi*. Paris: Métailié, 2003.
- _____. *A construção social do corpo*. Campinas: Papyrus, 2002.
- _____. *L'Adieu au corps*. Paris: Éditions Métailié, 1999.
- _____. *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: PUF, 1998.
- _____. *Passions du risque*. Paris: Éditions Métailié, 1991.

- _____. *Corps et sociétés: essai de sociologie et anthropologie de corps*. Paris: Librairie des Méridiens, 1985.
- LEE-THORP, Karen; HICKS, Cynthia. *Why beauty matters*. Colorado: Navpress, 1997.
- LEGRAND, Marie-Dominique; PICCIOLA, Liliane (orgs.). *Propos sur les muses et la laideur: figurations et défigurations de la beauté*. Nanterre: Publidix, 2001.
- LELOUP, Jean-Yves. *O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Carência & plenitude: elementos para uma memória do essencial*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LIDDELL, Louise A. *Clothes and your appearance*. Tinley Park, Ill.: Goodheart-Willcox, 1996.
- LIMA, Sergio Cláudio de Franceschi. *O corpo significa*. São Paulo: EDART, 1976.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. *O stress e a beleza da mulher*. São Paulo: Connection Books, 2001.
- LOWEN, Alexander. *O corpo traído*. São Paulo: Summus, 1979.
- MAERTENS, Jean-Thierry. *Dans la peau des autres*. Paris: Aubier, 1978.
- MAISONNEUVE, Jean; BRUCHON-SCHWEITZER, Marilou. *Le corps et la beauté*. Paris: PUF, 1999.
- MALAVOGLIA, Fábio. "O corpo: nova moda ou nova cultura?" *Cadernos de Lazer*, v. 8. SESC, 1984.
- MALYSSE, Stéphane. "Além do corpo: a carne como ficção científica". *Revista de Antropologia*, v. 43, n. 2. São Paulo: USP, 2000.
- _____. "Corpus do corpo". *Horizontes Antropológicos*, v. 23. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- _____. "As falsas evidências do corpo: imagens, imaginários e incorporações". *Correio Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, v. 28. Rio de Janeiro: 2000.
- MAY, Rollo. *Minha busca da beleza*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MINDELL, Arnold. *O corpo onírico: o papel do corpo no revelar do si-mesmo*. São Paulo: Summus, 1989.
- MONTAGU, Ashley. *The natural superiority of women*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1954.

- MONTALVO, Juan. "De la belleza en el género humano". *Collection Ediciones de la Embajada del Ecuador en Venezuela*, v. 2. Caracas: Embajada del Ecuador en Venezuela, 1989.
- MORELLY. *Physique de la beauté*. Genève: Slatkine, Paris: Diffusion Champion, 1971.
- MUNIZ, J. "Feminino: a controvérsia do óbvio". *Physis - Revista de Saúde Coletiva*, v. 2, n. 1, IMS/UERJ/Relume-Dumará, 1992.
- NEGREIROS, Teresa Creusa Góes Monteiro (org.). *Aspectos psicológicos da condição feminina*. Série Edipuc, 3ªed. Núcleo de Estudos sobre a Mulher. Rio de Janeiro, 1982.
- NOVAES, Joana de Vilhena. *Com que corpo eu vou: sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Pallas, 2010.
- _____. "Mulher e beleza: práticas corporais e regulação social". *Cadernos do Tempo Psicanalítico*, v. 33, 2001.
- NUNES, Silva Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- ONFRAY, Michel. *A escultura de si: a moral estética*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PAGÈS-DELON, M. *Le corps et ses apparences*. Paris: L'Harmattan, 1986.
- PALLARDY, Florence; PALLARDY, Pierre. *La forme naturelle*. Paris: Édition n.1: Elle, 1986.
- PENNA, Lucy. *Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com o próprio corpo*. São Paulo: Summus, 1989.
- PEREIRA, Malin. "Embodying beauty: twentieth-century American women writers' aesthetics". *Collection Literary criticism and cultural theory: the interaction of text and society*. New York: Garland, 2000.
- PERUTZ, Kathrin. *Beyond the looking glass: life in the beauty culture*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972.
- PERUZZOLO, Adair (org.). *O corpo semiotizado*. Porto Alegre: Est, 1994.
- PFULG, Michel; SADEK AZIZ, Désirée. *La beauté: tout un art ou l'art d'embellir*. Paris: Arziates, 1998.
- PINTO, Sueli de Souza. *Toda mulher*. União da Vitória, PR: Uniporto, 1987.

- RELLA, Franco. *L' enigma della bellezza*. Milano: Feltrinelli, 1991.
- RENTSCHLER, Ingo; Bárbara, HERZBERGER; EPSTEIN, David (eds.). *Beauty and the brain: biological aspects of aesthetics*. Boston: Birkhäuser Verl., 1988.
- ROMM, Sharon. *The changing face of beauty*. Boston: Mosby Year Book, 1992.
- ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (orgs.). *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ROUET, Marcel. *L'esthétique corporelle: santé et beauté plastique de la femme*. Saint-Jean-de-Braye: Dangles, 1978.
- ROUVEIX, André. *La femme toujours jeune*. Paris: P. Lebaud, 1990.
- RUBINSTEIN, Helena. *The art of feminine beauty*. New York: Live Right, 1930.
- RUDOFISKY, Bernard. *The unfashionable human body*. Hart-Davis, 1972.
- SÁ, Irene Tavares de. *A condição da mulher*. Rio de Janeiro: Agir, 1966.
- SANTAELLA, Lucia. *Corpo e Comunicação: sintoma da Cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das praticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SCHILDER, Paul. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SHILLING, Chris. *The body and social theory*. London: Sage, 2003.
- SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-orgânico*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- SIMMEL, G. *Cultura feminina*. Lisboa: Galeria Panorama, 1969.
- SISSA, Giulia. *Le corps virginal*. Paris: J. Vrin, 1987.
- SOLÍS, Diego Romero de; DÍAZ-URMENETA, Juan Bosco; LLORET, Jorge López (eds.). *Variaciones sobre el cuerpo*. Collection. Sevilla: Universidad-Secretariado de Publ., 1999.
- SPELMAN, E.V. "Woman as body: ancient and contemporary views". *Feminist Studies*, v. 8, n. 1, 1982.
- STONE, G.P. "Appearance and the self". In: ROSE, E. (ed.). *Human behaviour and social processes*. London: Routledge & Kegan Paul, 1962.

- TOSCANO, Moema; GOLDENBERG, Mirian. *A revolução das mulheres*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- TURNER, B.; FEATHERSTONE, M.; HEPWORTH, M. *The body: social process and cultural theory*. London: Sage Publications, 1995.
- VAN DAMME, Wilfried. *Beauty in context: towards an anthropological approach to aesthetics*. Leiden: E.J. Brill, 1996.
- VILAÇA, Nízia; GOES, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- VITAL, Odilza; THIELMANN, Beatriz. *De mulheres para mulheres: (mas que todo homem deve ler)*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- WACQUANT, Loic. *Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- WELTON, Donn. *The body: classic and contemporary readings (Blackwell readings in continental philosophy)*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.
- WHITCOMB, Helen. *Today's woman*. New York: Gregg Division, McGraw-Hill, 1976.
- WILSON, E. "Fashion and the post-modern body". In: ASH, J.; WILSON, E. (eds.). *Chic Thrills*. London: Pandora Press, 1933.
- WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- YANNAKOPOULOS, K. *Corps érotique masculin et identités sexuelles*. *Gradhiva*, 23, 1998.
- ZANER, Richard M. *The problem of embodiment: some contributions to a phenomenology of the body*. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1971.
- ZAHORSKY, Carroll. *Self-image and cosmetic surgery*. Missouri: Gunn & Goss, 1977.

4. Tópicos específicos

4.1 Textos principais

Em ordem alfabética por sobrenome dos autores:

Título: *Force et beauté: histoire de l'esthétique en éducation physique aux XIXe et XXe siècles*

Autor: ANDRIEU, Gilbert

Local/Editora/Ano: Talence: Presses Universitaires de Bordeaux, 1992.

Livro da coleção *Milon* que trata de aspectos sociais, históricos e filosóficos da disciplinarização dos corpos através da educação física, abordando também a questão da beleza corporal culturalmente concebida.

Título: *Le maquillage clair-obscur: une anthropologie du maquillage contemporain*

Autor: ARZAROLI, Christine

Local/Editora/Ano: Paris: Ed. l'Harmattan, 1996.

Livro da coleção *Nouvelles études anthropologiques* que analisa os significados culturais da maquiagem no mundo contemporâneo, observando os aspectos simbólicos da beleza corporal e as dimensões sociais que se expressam através da maquiagem.

Título: *The human face*

Autor: BATES, Brian; CLEESE, John

Local/Editora/Ano: New York: DK Publishing Inc., 2001.

Livro sobre os aspectos evolutivos e psicológicos da face humana, analisando a face como lugar de expressão de sentimentos como raiva, medo, alegria, tristeza, desgosto, surpresa e muitas outras possibilidades expressivas. O livro investiga como mostramos ou escondemos a nós mesmos através da face, como lemos as expressões dos outros e como vinculamos nela os significados culturais relacionados com a beleza.

Título: *The body project: an intimate history of american girls*

Autor: BRUMBERG, Joan Jacobs

Local/Editora/Ano: New York: Vintage Books, 1998.

Livro que analisa os diários pessoais e as imagens dos meios de comunicação desde a primeira metade do século XIX até a contemporaneidade para estudar as questões que afetam as mulheres jovens neste período, tais como maquiagem, tamanho do seio, menstruação, cabelo, roupa. A análise refaz a noção de uma beleza intimista e interior da época vitoriana até o foco moderno de uma aparência e uma beleza voltada para o exterior e para a exibição.

Título: *The history of hair: fashion and fantasy down the ages*

Autor: BRYER, Robin

Local/Editora/Ano: London: Philip Wilson Pub Ltd., 2000.

O livro refaz uma história geral dos cabelos e penteados e analisa seus usos e sua significação nos planos estético e artístico desde o antigo Egito até a idade moderna, passando pelo mundo romano, medieval, renascença, e em várias fases da história norte-americana.

Título: *Return of the tribal: a celebration of body adornment: piercing, tattooing, scarification, body painting*

Autor: CAMPHAUSEN, Rufus C.

Local/Editora/Ano: Vermont: Inner Traditions Intl Ltd, 1997.

O livro estuda a história e os aspectos culturais, sociais e simbólicos de elementos e adornos corporais tal como se expressam em intervenções, como tatuagem, *piercing*, escarificação e pintura corporal.

Título: *Fashions in hair: the first five thousand years*

Autor: CORSON, Richard

Local/Editora/Ano: London: Peter Owen Ltd., 2000.

O livro realiza um estudo histórico dos estilos de cabelo de homens e mulheres através das diferentes épocas – antigo Egito, Grécia, Roma etc –, mostrando as várias transformações de atitudes, estilos e gostos vinculados ao cabelo. O livro possui introdução de Caroline Cox, historiadora da moda.

Título: *A comunicação não-verbal*

Autor: DAVIS, Flora

Local/Editora/Ano: São Paulo: Summus, 1979. Um panorama bastante amplo dos estudos no campo da comunicação corporal. Bastante ilustrado, apresenta entrevistas com os principais pesquisadores do assunto.

Título: *Reshaping the female body: the dilemma of cosmetic surgery*

Autor: DAVIS, Kathy

Local/Editora/Ano: New York: Routledge, 1995.

O livro estuda a popularidade da cirurgia plástica como modo de transformação do corpo feminino na busca da beleza. Mostra que a cirurgia plástica envolve tanto questões subjetivas, como narcisismo, baixa autoestima, mito da juventude eterna e suscetibilidade ao consumo capitalista, quanto questões relacionadas às pressões culturais, manipulações ideológicas e definições sociais da beleza que incidem sobre o corpo e a face feminina no mundo contemporâneo.

Título: *Human facial expression: an evolutionary view*

Autor: FRIDLUND, Alan J.

Local/Editora/Ano: Oxford: Elsevier Science & Technology Books, 1994.

Livro sobre os significados das expressões faciais e suas relações com as motivações internas, com a vocalização, com a linguagem e com os valores culturais externos. Debate a questão da expressividade do rosto a partir de uma análise multidisciplinar que envolve antropologia, psicologia, lingüística e neurologia, buscando algumas possíveis formas de expressão facial universais.

Título: *Tattoo history: a source book*

Autor: GILBERT, Steve

Local/Editora/Ano: New York: Juno Books, 2001.

Um livro importante, que analisa a questão da tatuagem de forma abrangente no tempo e no espaço. Debate a tatuagem japonesa, a tradição de tatuagem nas ilhas do pacífico, o papel da tatuagem no antigo oriente médio e no ocidente no início do século XX.

Título: *Making the body beautiful: a cultural history of aesthetic surgery*

Autor: GILMAN, Sander L.

Local/Editora/Ano: Princeton: Princeton University Press, 1999.

O livro faz uma análise abrangente da cirurgia plástica estética vista como um campo situado entre a medicina e a cultura. Realiza uma história mundial sistemática e uma teoria da cultura sobre a cirurgia estética, debatendo informações sobre usos da cirurgia plástica estética em diferentes sociedades e idéias sobre as relações entre ela e a ordem cultural como forma de construção de identidades e pertencimento a grupos sociais.

Título: “La prééminence de la main droite: étude sur la polarité religieuse”. In: NEEDHAM, Rodney. *Right and Left: essays on dual symbolic classification*

Autor: HERTZ, Robert

Local/Editora/Ano: Chicago: University of Chicago Press, 1973.

Texto clássico que ampliou a perspectiva de estudos sobre a temática do corpo e seus usos na vida social na antropologia e sociologia por meio da investigação sobre a lógica simbólica que explica a prevalência da mão direita e sua relação com a polaridade religiosa. O texto é uma referência fundamental em teoria e pesquisa ao aprofundar os estudos sobre o corpo com ênfase nos seus significados culturais.

Título: *Le corps oriental*

Autor: KHATIBI, Abdelkebir

Local/Editora/Ano: Paris: Hazan, 2002.

Livro estuda aspectos culturais do corpo humano a partir de uma interpretação antropológica, com ênfase na sociedade islâmica, na religiosidade, na noção cultural de beleza e no simbolismo do oriente médio.

Título: *A cultura do narcisismo: vida americana numa era de esperanças em declínio*

Autor: LASCH, Christopher

Local/Editora/Ano: Rio de Janeiro: Imago, 1983.

Livro teórico importante com uma visão crítica muito aguçada sobre a sociedade contemporânea e, em particular, sobre as questões do individualismo, da fragmentação e do narcisismo. O livro discute temas complexos da vida em nossa cultura burguesa contemporânea, tais como superficialidade emocional, hipocondria, pansexualismo e promiscuidade, medo da intimidade, horror à velhice e à morte, as distorções da nossa autopercepção, entre outros, caracterizando uma cultura que paga um alto preço por ser marcadamente narcísica.

Título: *A Roupa e a Moda – uma história concisa*

Autor: LAVER, James

Local/Editora/Ano: São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Este livro apresenta as principais etapas da evolução, principalmente em termos do desenho e dos materiais do vestuário no mundo ocidental, desde a invenção da agulha na pré-história até o *prêt-à-porter* e o jeans.

Título: *Signes d'identité: tatouages, piercing et marques corporelles*

Autor: LE BRETON, David

Local/Editora/Ano: Paris: Éditions Métailié, 2002.

Livro importante e muito bem documentado que realiza um percurso consistente sobre as marcas corporais como moda nova e em plena expansão, analisando a questão tanto de um ponto de vista antropológico quanto histórico e filosófico. O livro estuda as marcas corporais na cultura ocidental e debate a ideia de que o corpo é um suporte para significar nossa identidade e presença no mundo. O autor observa o lugar destas marcas nos ritos de passagem, na afirmação de si, na transformação da diferença e na busca de identidade e integração em grupos sociais. Na cultura contemporânea, as marcas corporais – tatuagem, *piercing* – saem do mundo marginal para transformarem-se em mensagens, identidades como acessórios da *mise en scène* do indivíduo.

Título: *The face: a natural history*

Autor: MCNEILL, Daniel

Local/Editora/Ano: Indiana: Little, Brown & Company, 1998.

O livro estuda a face como assinatura pessoal, passaporte para os corações e mentes dos outros na vida social, produzindo uma série de informações complexas que são examinadas a partir das perspectivas fisiológicas, psicológicas e artísticas, o que retira as possibilidades de interpretação do rosto em sua anatomia, sua singularidade, sua habilidade para comunicar e sua beleza. O livro aborda temas diversos – sorriso, enrubescimento, raiva, blefe, beijo, cosméticos – relacionados ao rosto, suas expressões, seus significados sociais e seu imaginário cultural.

Título: *Tocar: o significado humano da pele*

Autor: MONTAGU, Ashley

Local/Editora/Ano: São Paulo: Summus, 1988.

O livro estuda o gesto de tocar outras pessoas e sua relação com diversos aspectos do desenvolvimento humano, focando as funções imunológicas da pele, a importância do toque nas situações de psicoterapia, na saúde física e mental e na comunicação. Trata também das relações entre toque e criação de imagens e os efeitos provocados pela privação do toque.

Título: *In the flesh: the cultural politics of body modification*

Autor: PITTS, Victoria

Local/Editora/Ano: Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.

O livro estuda o surgimento de subculturas ligadas à modificação dos corpos como um fenômeno marcante na última década do século XX que incluíam práticas de *piercing*, escarificação, implantes subdérmicos e outros. O livro indaga as razões pelas quais estes grupos da pós-modernidade negociam e transformam os significados sociais, políticos e psicológicos dos seus corpos.

Título: *The customized body*

Autor: POLHEMUS, Ted; RANDALL, Housk

Local/Editora/Ano: London: Serpent's Tail, 2000.

O livro oferece uma revisão abrangente da arte de decorar o corpo, utilizando a antropologia e a fotografia para mostrar, através da história, as formas de adorno e manipulação do corpo humano. Examina temas básicos como pintura corporal, tatuagem, *piercing*, escarificação, cabelo, joalheria, máscaras, sapatos, transformações sexuais, entre outros.

Título: *Três estilos de mulher: a doméstica, a sensual, a combativa*

Autor: PRAVAZ, Susana

Local/Editora/Ano: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

O livro faz uma interpretação de elementos da mitologia grega antiga – a lenda de Paris e os mitos clássicos sobre as deusas Hera, Afrodite e Atena – para analisar três representações centrais no universo cultural feminino contemporâneo – a mulher doméstica, a sensual e a combativa – que atualizam realidades específicas do mundo feminino representadas nestes mitos. O livro mostra que a análise dos mitos pode revelar certas identidades, estilos, comportamentos e ideologias que caracterizam aspectos comuns de grupos de mulheres.

Título: *Xuxa: the mega-marketing of gender, race and modernity*

Autor: SIMPSON, Amelia

Local/Editora/Ano: Philadelphia: Temple University Press, 1993.

O livro analisa o fenômeno Xuxa (apresentadora de TV) como modelo para pensar relações de gênero, democracia racial e beleza idealizada. Explora as formas pelas quais são construídas as representações da feminilidade, a ideologia da beleza branca e como este estilo se justapõe com o entretenimento juvenil, marcando o território simbólico das loiras como símbolos sexuais globalizados.

Título: *Modern Primitives: an investigation of contemporary adornment and ritual*

Autor: VALE, V.; JUNO, Andréa (ed.).

Local/Editora/Ano: San Francisco: Re-Search Publications, 1989.

O livro é uma referência para o estudo das práticas humanas de decoração dos corpos, investigando, do ponto de vista da antropologia, um importante enigma social contemporâneo: a popularização crescente de antigas práticas de decoração corporal como tatuagem, *piercing* e escarificação. O livro discute como estes “modernos primitivos” procuram romper as convenções da sociedade de consumo realizando modificações como forma de tomar posse do próprio corpo como uma última fronteira.

Título: *Themes in cosmetics and grooming*

Autor: WAX, Murray

Local/Editora/Ano: American Journal of Sociology, v. 62, 1957.

Texto antigo, publicado em uma importante e prestigiada revista acadêmica, que debate aspectos sociais e culturais do uso dos cosméticos, dos cuidados com a aparência no mundo ocidental.

Título: *A fleur de Peau: une petite histoire du maquillage*

Autor: YTZHAK, Lydia Ben

Local/Editora/Ano: Paris: Stock, 2000.

Livro que realiza uma história concisa da maquiagem e da beleza corporal, com ênfase em seus aspectos sociais e culturais.

4.2. Textos complementares

Em ordem alfabética por sobrenome dos autores:

ARGYLE, M.; DEAN, J. *Eye contact, distance and affiliation*. *Sociometry*, v. 28, 1965.

AUGÉ, Marc; HERZ LICH, Claudine. *Le sens du mal: anthropologie, histoire, sociologie de la maladie*. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 1984.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BEDARD, M.; BRISSON, G. "La frontière de l'image du corp chez l'étudiante en Éducation Physique". *Canadian Journal of Applied Sports Sciences*, 1981.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travesti*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BERG, C. *The unconscious significance of hair*. London: George Allen & Unwin, 1951.

BOONE, Sylvia Ardyn. *Radiance from the waters: ideals of feminine beauty in Mende art*. New Haven: Yale University Press, 1986.

BORDO, Suzan. *Unbearable weight: feminism, western culture and the body*. Berkeley: University of California Press, 1993.

BRAIN, Robert. *The decorated body*. New York: Harper & Row, 1979.

BUISSON, Dominique. *Le corps japonais*. Paris: Hazan, 2001.

- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina*. São Paulo: Loyola, 1981.
- BULL, Ray; RUMSEY, Nichola. *The social psychology of facial appearance*. New York: Springer-Verlag, 1988.
- CAPLAN, Jane (ed.). *Written on the body*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- CARLSEN, Lloyd; SLATT, Bernard (eds.). *The naked face*. Ontario: General Pub. Co., 1979.
- CARUCHET, William. *Le tatouage ou le corps sans honte*. Paris: Séguier, 1995
- CASTELBAJAC, Kate de. *The face of the century: 100 years of make-up and style*. New York: Rizzoli, 1995.
- CIDREIRA, Renata. *Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e consumo*. São Paulo: Annablume, 2005.
- CLARK, Kenneth. *The nude: a study of ideal art*. Harmondsworth: Penguin Books, 1970.
- COBRA, Marcos. *Marketing e Moda*. São Paulo: Marcos Cobra Editora, 2008.
- COLEMAN, J. "Facial expressions of emotions". *Psychological Monographs*, v. 63, 1949.
- CORBIN, A. *Saberes e odores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- COUTO, E.S. *O homem-satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica*. Salvador: Unijuí, 2000.
- DEMELLO, Margo. *Bodies of inscription: a cultural history of the modern tattoo community*. Durham: Duke University Press, 2000.
- DOLTO, Françoisa. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- DURAND, José Carlos. *Moda, luxo e economia*. São Paulo: Babel Cultural, 1988.
- DURFEE, Dale. *Tattoo*. London: Griffin Trade, 2001.
- ELLSWORTH, P.; CARLSMITH, J. "Effects of eye contact and verbal content on affective response to a dyadic interaction". *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 10, 1968.
- EKMAN, Paul; FRIESEN, Wallace V. *Unmasking the face: a guide to recognizing emotions from facial clues*. New Jersey: Prentice-Hall, 1975.

- FARIS, James C. *Nuba personal art*. London: Duckworth, 1972.
- FEIJÃO, Rosane. *Moda e modernidade na Belle Epoque carioca*. São Paulo: Estação das Letras, 2011.
- FELLMAN, Sandi; THOMAS, D.M. *The Japanese tattoo*. New York: Abbeville Press Inc., 1988.
- FERREIRA, M. *A imagem da mulher de meia-idade nos meios de comunicação social*. Rio de Janeiro: ISOP/FGV, 1981.
- FISCHER, Seymour; CLEVELAND, Sidney E. *Body image and personality*. Princeton: Van Nostrand, 1958.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FUSSEL, Samuel. *Muscle: confessions of an unlikely bodybuilder*. Nova York: Poseidon Press, 1991.
- FUTORANSKY, Luisa. *Cheveux, toisons et autres poils*. Paris: Presses de la Renaissance, 1991.
- GABOR, Mark. *The pin-up: a modest history*. London: Pan Books, 1973.
- GERARD, Jim. *Celebrity skin: tattoos, brands, and body adornments of the stars*. New York: Thunder's Mouth Press, 2001.
- GIACOMINI, Sonia. "Beleza mulata e beleza negra". *Estudos Feministas*, nº especial, 2º semestre, Colóquio Internacional Brasil, França e Québec, 1994.
- GIVENS, D. "Greeting a stranger: some commonly used nonverbal signals of aversiveness". *Semiotika*, v. 22, 1978.
- GRANT, Ewan C. "Human facial expression". *Man*, v. 4, n. 4, 1969.
- GUILDFORD, J. "An experiment in learning to read facial expressions". *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 24, 1929.
- HAIKEN, Elizabeth. *Venus envy: a history of cosmetic surgery*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.
- HAMMERMESH, D.; BRIDDLE, J. "Beauty and the labor market". *The American Economic Review*, v. 84, n. 5, 1994.
- HARAWAY, Donna. "A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-feminism in the Late Twentieth Century". In: HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs, and Women: the Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1985.

- HARDIN, Michel. "Mar(k)ing the objected body: a reading of contemporary female tattooing". *Fashion Theory - The Journal of Dress, Body and Culture*, v. 3, 1999.
- HAYNES, Katherine. *Fashioning the feminine in the Greek novel*. London: Routledge, 2003.
- HEYWOOD, Leslie. *Bodymakers: a cultural anatomy of women's body building*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.
- HOLLANDER, Anne. *Seeing through clothes*. Los Angeles: University of California Press, 1993.
- HRDLICKA, Ales. *Beauty among the American Indians*. New York: S/E, 1906.
- JACKSON, Eve. *Alimento e transformação: imagens e simbolismo na alimentação*. São Paulo: Paulus, 1996.
- JEUDY, Henri-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- JOHNSON, Mark. *Beauty and power: transgendering and cultural transformation in the southern Philippines*. Oxford: Berg, 1997.
- JOUSSE, M. *Anthropologie du geste*. Paris: Seuil, 1970.
- KEMPE, Roger. *Sur le corps romanesque*. Paris: Éditions du Seuil, 1968.
- KLEIN, Alan M. *Little big men: body building subculture and gender construction*. Albany: State University of New York Press, 1993.
- KRAKOW, Amy. *The total tattoo book*. Indiana: Warner Books, 1994.
- LANDIS, C. Studies of emotional reactions: general behaviour and facial expressions. *Journal of Comparative Psychology*, v. 4, 1924.
- LAQUEUR, Thomas. *Making sex. Body and gender from the greeks to Freud*. Cambridge: Harvard College, 1990.
- LEITÃO, Débora. *À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos*. Trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais. Porto Alegre: UFRGS, nov. 2000.
- _____. *Corpos ilustrados: tatuagem e autonomia sobre a anatomia*. Caxambu: ANPOCS, 2003.
- _____. *Ergue, prende, realça!: uma reflexão antropológica sobre anúncios publicitários de lingerie feminina*. Gramado: XXIII Reunião Brasileira de Antropologia, 2002.
- _____. *Transgressão e domesticação: a tatuagem contemporânea como ritualização das aparências*. Cadernos CEOM, 2003.

- _____. *Transgressão e normatização: uma análise antropológica da prática da tatuagem em grupos urbanos contemporâneos*. São Leopoldo: Congresso Corpo I - o corpo torturado, 2002.
- LEMELIN, Mireille. *Charme et sex-appeal au masculin*. Montréal: Éd. de l'Homme, 1988.
- LE PARMENTIER, Michel. *La fabuleuse histoire des 'Miss'*. Paris: Histoire pour tous, 1983.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *A terceira mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LORAUX, Nicole. "Heracles: the super-male and the feminine". In: HALPERIN, David; WINKLER, John J.; ZETLIN, Froma I. (eds.). *Before sexuality: the construction of erotic experience in the ancient Greek world*. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- LOYOLA, Maria (org.). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- LOUX, Françoise. *Le corps dans la société traditionnelle: pratiques et savoirs populaires*. Paris: Berger-Levrault, 1979.
- _____. *Traditions et soins d'aujourd'hui: anthropologie du corps et professions de santé*. Paris: InterEditions, 1990.
- LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MACCHIAVELLI, M. *Body art*. Paris: Plume, 2001.
- MAERTENS, Jean-Thierry. *Le dessein sur la peau*. Paris: Aubier Montagne, 1978.
- MAISONNEUVE, Jean; BRUCHON-SCHWEITZER, Marilou. *Modèles du corps et psychologie esthétique*. Paris: PUF, 1981.
- MCCREARY, D.; SASSE, D. "An exploration of the drive for muscularity in adolescent boys and girls". *Journal of American College Health*, v. 48, 2000.
- MEAD, Matgareth. *Macho e fêmea*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- MELLO e SOUZA, Gilda. *O espírito das roupas - a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MERCURY, Maureen; HAWORTH, Steve. *Pagan fleshworks: the alchemy of body modification*. Vermont: Inner Traditions Intl. Ltd., 2000.

- MIFFLIN, Margot. *Bodies of subversion: a secret history of women and tattoo*. New York: Juno Books, 1997.
- MILLER, Jean-Chris. *The body art book: a complete, illustrated guide to tattos, piercings, and other body modifications*. Berkley: Berkley Pub Group, 1997.
- MILLUM, Trevor. "Long hair: taboo in England". *Journal of Popular Culture*, v. 4, 1970.
- MINNER, H. "Body ritual among the Nacirema". *American Anthropologist*, v. 58, n. 3, 1956.
- MORRIS, D.; COLLETT, P.; MARSH, P.; O'SHAUGHNESSY, M. *Gestures: their origin and distribution*. New York: Stein & Day, 1979.
- MURARO, Rose. *Libertação sexual da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- MURPHY, R. *Vivre à corps perdu*. Paris: Plon, 1990.
- NETO, Meton de Alencar; NAVA, José. *Tatuagens e desenhos cicatriciais*. Belo Horizonte: Edições MP, 1966.
- NOVAES, Joana de Vilhena. *O intolerável peso da feiura: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Garamond, 2006.
- OSSMAN, Susan. *Three faces of beauty: Casablanca, Paris, Cairo*. Durham: Duke University Press, 2002.
- POPE, H.G.; PHILLIPS, K.A.; OLIVARDIA, R. *O complexo de Adônis: a obsessão masculina pelo corpo*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- PRADO, Maria Cecília. *A beleza dos signos*. São Paulo: Panda Books, 2000.
- RABELO, Míriam (org.). *Experiência de doença e narrativa*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- RAIBAUT, Jean. *Monsieur Miss France: des victoires, des conquêtes internationales, une vie au service de la beauté et de l'élégance françaises*. Marseille: Comité officiel et national Miss France-Miss Europe, 1988.
- RODRIGUES, José Carlos. *Higiene e ilusão*. Rio de Janeiro: Nau, 1995.
- ROUERS, Bruno. *Piercing et autres modifications corporelles en occident: de la revendication du rituel à l'interprétation par le rite*. Orlandi Quartely, n. 2, 2001.
- SCHEFLEN, A. *Body language and the social order*. Englewood Cliffs: PrenticeHall, 1972.

- SMITH, J.; CHASE, J.; LIEBLICH, A. "Tongue showing". *Semiotica*, v. 11, 1974.
- STRATHERN, Andrew and Marilyn. *Self-decoration in Mount Hagen*. London: Duckworth, 1971.
- STUDART, Heloneida. *Mulher, objeto de cama e mesa*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- SUPLICY, Marta. *Conversando sobre sexo*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- TANNAHILL, Reay. *Flesh and blood: a history of the cannibal complex*. New York: Little Brown & Co, 1997.
- TURUDICH, Daniela. *Victorian & Edwardian beauty: hairstyles and beauty preparations*. California: Streamline Press, 2003.
- VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques. *Histoire de la virilité*. Paris: Seuil, 2011.
- VIGARELLO, Georges. *Les métamorphoses du gras: Histoire de l'obésité du Moyen Age au XXe siècle*, Paris : Seuil, 2010.
- _____. *Histoire de la beauté : Le corps et l'art d'embellir de la Renaissance à nos jours*. Paris: Seuil, 2004.
- _____. *Histoire du viol du XVIe au XXe siècle*. Paris: Seuil, 2000.
- _____. *Passion sport: histoire d'une culture*. Paris: Textuel, 1999.
- _____. *O limpo e o sujo: Uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VILLEJOIE, Antoine de. *Les dessous de la guerre des Miss*. Paris: Fédération française des concours de beauté et d'élégance (FFCBE), 1986.
- VINCENT-RICARD, Françoise. *As espirais da moda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- VINE, I. Communication by Facial-Visual Signals. In: CROOK, J. M. (eds.), *Social Behavior in Bird and Mammals*. London: Academic Press, 1970
- WANG, Ping. *Aching for beauty: footbinding in China*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

5.1. Textos principais

Em ordem alfabética por sobrenome dos autores:

Título: *Images of women in peace and war: cross-cultural and historical perspectives*

Autor: ARDENER, Shirley; HOLDEN, Pat; MACDONALD, Sharon

Local/Editora/Ano: Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1988.

O livro faz um estudo panorâmico das relações entre as mulheres e a violência, as guerras, a revolução e a paz em ambientes e situações diversas, investigando tanto as ações concretas das mulheres nestes contextos quanto as percepções, imagens e representações que foram elaboradas sobre este lugar da mulher em diferentes culturas e momentos históricos. O livro examina também como um imaginário sexual é construído e socialmente utilizado para reificar um determinado espaço específico para a mulher na sua relação com contextos de violência, conflito e luta.

Título: *American beauty*

Autor: BANNER, Lois W.

Local/Editora/Ano: New York: Alfred A. Knopf, 1983.

O livro realiza uma história social dos ideais da beleza feminina norte-americana, estudando a construção de seus valores centrais, sua ideologia dominante, suas marcas culturais. O livro analisa materiais relacionados ao modelo de beleza feminina tais como as mudanças de gosto estéticas, as atitudes, os comportamentos e os estilos, cobrindo um período que vai do século XVIII até o final do século XX.

Título: *História das mulheres no ocidente*

Autor: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.)

Local/Editora/Ano: Porto: Edições Afrontamento, 1991.

Uma coletânea organizada por George Duby, que é considerado um dos mais importantes historiadores da chamada “história das mentalidades.” A obra é referência mundial em história da feminilidade e possui cinco volumes: Antiguidade; Idade Média; Do Renascimento à Idade Moderna; Século XIX; e Século XX, respectivamente. Alguns dos temas tratados nos artigos dos cinco livros e que se destacam são: *As figuras da mulher*, de François Lissarrague; *A mulher nas imagens, a mulher imaginada*, de Chiara Frugoni; *O corpo, aparência e sexualidade*, de Sara F. Matthews Grieco; *Mulheres e imagens*, de Anne Higonnet; *As modas femininas e o seu controle*, de Diane Owen Hughes; *A mulher bela*, de Veronique Nahoum-Grappe; *Mulheres, imagens e representações*, de Anne Higonnet; *A educação das raparigas: o modelo laico*, de Françoise Mayeur, *Mulheres, consumo e cultura de massas*, de Luisa Passerini, entre outros.

Título: *Fragments for a history of the human body*

Autor: FEHER, Michel; NADDAF, Ramona; TAZI, Nadia

Local/Editora/Ano: Michigan: MIT Press, 1989.

O livro é uma coletânea em três volumes que examina a história do corpo humano como um lugar privilegiado para a incidência das práticas sociais, das experiências concretas de vida e dos simbolismos que caracterizam o imaginário coletivo. Analisa como diferentes culturas e épocas manipularam as capacidades físicas e mentais dos corpos para adaptá-los aos ideais de vida, beleza, moral, costumes e circunstâncias sociais. Na coletânea aparecem contribuições de importantes pensadores no campo das ciências sociais, como Jacques Le Goff, Jean Pierre Vernant, Julia Kristeva, William R. La-Fleur, entre outros.

Título: *A educação dos sentidos: a experiência burguesa, da rainha Vitória a Freud*

Autor: GAY, Peter

Local/Editora/Ano: São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

O livro examina os comportamentos e atitudes sexuais de mulheres e homens que caracterizaram as transformações da esfera privada e os usos sociais dos sentidos no século XIX. O livro utiliza diversas

fontes primárias em materiais, como textos médicos, autobiografias, diários, relatórios sobre sexualidade, cartas para reconstruir a vida íntima de mulheres e homens da época, investigando seus diferentes valores e práticas em relação ao sexo, beleza, corpo, sedução, métodos anticoncepcionais, aborto, gravidez, entre outros.

Título: *Framing medieval bodies*

Autor: KAY, Sarah; RUBIN, Miri (eds.)

Local/Editora/Ano: New York: Manchester University Press, 1994.

O livro mostra a importância do corpo na cultura medieval e as formas pelas quais ele foi, neste período da história ocidental, exposto, tratado, discutido, sofrido, representado. O corpo foi um elemento simbólico central na experiência cotidiana e na construção da mentalidade medieval e o livro investiga o imaginário elaborado em torno dele, o pensamento e as crenças que nele incidiram e as práticas sociais a que foi submetido em diferentes contextos naquela cultura.

Título: *Mince ou grosse?: histoire du corps idéal*

Autor: KY, Tran; DIDOU-MANENT, Michèle; ROBERT, Hervé

Local/Editora/Ano: Paris: Perrin, 1996.

Livro que analisa os modelos ideais de corpo ao longo da história, investigando os sentidos culturais da beleza corporal, os hábitos alimentares, os significados sociais e as imagens vinculadas ao plano estético do corpo.

Título: *Miroir, mon beau miroir: une histoire de la beauté*

Autor: PAQUET, Dominique

Local/Editora/Ano: Paris: Gallimard, 1997.

Livro da coleção *Découvertes Gallimard: art de vivre* que procura analisar a história da beleza corporal feminina, os sentidos que os padrões de beleza adquirem através do tempo e as grandes transformações que marcam as escolhas sociais no plano da estética corporal.

Título: *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*

Autor: SENNETT, Richard

Local/Editora/Ano: Rio de Janeiro: Record, 1997.

O livro analisa as relações entre o corpo humano e a cidade, onde as questões do espaço urbano e suas relações com a estética do corpo são investigadas em contextos diversos de um amplo espectro histórico. O livro debate práticas sociais, demandas físicas, ações concretas, expectativas das pessoas e concepções culturais do corpo em contextos urbanos como da antiga Grécia, do gueto judeu de Veneza, da Paris do século XIX, da Nova York contemporânea, procurando entender como cidades da civilização ocidental se relacionam com as experiências corporais e as construções sociais e estéticas do corpo.

Título: *For health and beauty: physical culture for Frenchwomen, 1880s-1930s*

Autor: STEWART, Mary Lynn

Local/Editora/Ano: Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001.

O livro realiza um estudo de história cultural e também sociológico do corpo das mulheres francesas entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, onde são definidos novos espaços urbanos, etiquetas, consumo, grandes magazines, novos ideais de beleza feminina e a comunicação de massa. O livro enfatiza particularmente temas como a educação física, os ideais e práticas de beleza, a saúde e a higiene corporal.

5.2. Textos complementares

Em ordem alfabética por sobrenome dos autores:

ANDRIEU, Bernard. *Le corps dispersé: une histoire du corps au XX^e. siècle*. Paris: L'Harmattan, 1993.

BOUCHER, François. *20.000 years of fashion: the history of costume and personal adornment*. New York: Abrams, 1973.

BRAVO, Angela. *Femenino singular: la belleza a través de la historia*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

BROWN, Peter. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

- CAMERON, Averil; KUHRT, Amélie (eds.). *Images of women in antiquity*. Detroit: Wayne State University Press, 1983.
- CRESPO, J. *A história do corpo*. Lisboa: Difel/Bertrand, 1990.
- DAHLBERG, Edward. *The carnal myth*. London: Calder & Boyars, 1970.
- DUBY, Georges; PERROT, Michele. *Imagens da mulher*. Porto: Afrontamento, 1996.
- ECO, Umberto. *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. *História da Feiura*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FERGUSON, Margaret W.; QUILLIGAN, Maureen; VICKERS, Nancy J. (eds.). *Rewriting the Renaissance: the discourses of sexual difference in early Modern Europe*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.
- HALBERSTAM, Judith; LIVINGSTON, Ira. *Posthuman Bodies*. Bloomington: Indiana University Press, 1995.
- LANDES, Joan B. *Women in the public sphere in the age of the French Revolution*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1988.
- LANGDON-DAVIES, John. *A short history of women*. New York: The Viking Press, 1927.
- LAYER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SEGALEN, Martine. *Mari et femme dans la société paysanne*. Paris: Flammarion, 1980.
- MELLO e SOUZA, Gilda de. *O espírito das roupas: a moda no século dezanove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MICHIE, Helena R. *The flesh made word: female figures and women's bodies*. New York: Oxford University Press, 1987.
- _____. *Sororophobia: difference among women in literature and culture*. New York: Oxford, 1991.
- OUTRAM, Dorinda. *The body and the French Revolution: sex, class and political culture*. New Haven: Yale University Press, 1989.
- PERINET, Jean-Marie. *La femme, la beauté et l'amour dans l'Égypte ancienne*. Charenton-le-Pont: Presses de Valmy, 2003.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Unesp, 1998.
- POMEROY, Sarah. *Goddesses, whores, wives, and slaves: women in classical Antiquity*. New York: Schocken Books, 1975.

POUCHELLE, Marie-Christine. *The body and surgery in the Middle Ages*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1990.

RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

SPERLING, Jutta Gisela. *Convents and the body politic in Renaissance Venice*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

TINAGLI, Paola. *Women in Italian Renaissance art: gender, representation, identity*. New York: Manchester University Press, 1997.

TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Vega, 2004.

WOODFORDE, John. *The history of vanity*. New York: St. Martin's Press, 1992.

6.1. Textos principais

Em ordem alfabética por sobrenome dos autores:

Título: *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*

Autor: BRUSCHINI, Cristina A.; ROSEMBERG, Fúlvia

Local/Editora/Ano: São Paulo: Brasiliense, 1980.

O livro é uma coletânea de textos que pensam algumas questões particulares do universo feminino de uma perspectiva antropológica. São tratados temas históricos e contemporâneos que debatem aspectos como corpo, beleza, espaços e representações da mulher tal como construídas culturalmente e experimentadas na vida social.

Título: *A moda do corpo, o corpo da moda*

Autor: CASTILHO, Kathia; GALVÃO, Diana

Local/Editora/Ano: São Paulo: Editora Esfera, 2002.

O livro é uma coletânea que reúne artigos diversos de pesquisadores brasileiros que procuram analisar os significados do corpo no contexto da cultura brasileira a partir de uma perspectiva interdisciplinar, com base nas ciências sociais. São investigados aspectos que o corpo assume na sociedade, como objeto de desejo, forma de comunicação, construção das subjetividades, suporte de valores e relações sociais. O corpo é analisado como um objeto de construções culturais que se traduzem em temas como moda, mídia, cinema, face e rosto, pele, cirurgia plástica, cidade, história e multiculturalismo, entre outros.

Título: *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilo de vida e cultura de consumo*

Autor: CASTRO, Ana Lucia de

Local/Editora/Ano: São Paulo: Annablume, 2003.

O livro aborda a questão do corpo a partir de uma perspectiva antropológica, analisando como o corpo se articula, na sociedade contemporânea, com a indústria da cultura e como esta ideologia do corpo – que se expressa na produção midiática – constrói um imaginário que implica o desejo de corpos perfeitos, a adoração pelas formas bem delineadas, o fascínio pela boa forma e pelas academias de ginástica. O livro procura estudar e entender as regras que definem as relações entre mídia, corpo e cultura contemporânea.

Título: *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*

Autor: DEL PRIORE, Mary

Local/Editora/Ano: São Paulo: Ed. Senac, 2000.

Livro que faz uma história das transformações do corpo feminino, relacionando-o aos diferentes valores, papéis e circunstâncias que foram socialmente definidos para a mulher em nossa cultura. Mostra que os corpos femininos foram construídos em razão dos ideais da beleza, dos estilos de gosto, das práticas e das representações ideológicas que definiam lugares e criavam funções para a mulher ao longo da história brasileira.

Título: *História das mulheres no Brasil*

Autor: DEL PRIORE, Mary

Local/Editora/Ano: São Paulo: Contexto, 1997.

O livro é uma coletânea de textos que tratam de diferentes aspectos da história das mulheres no Brasil, analisando papéis, impasses, contradições, mitos, imagens e representações que organizaram os discursos, os campos e as práticas gerando nossos modelos do universo feminino. O livro investiga as trajetórias e as experiências de vida das mulheres, os significados das diferenças sexuais e as múltiplas formas que assumiram as representações do feminino, tanto no espaço público quanto no espaço privado, em diferentes grupos sociais, raciais e religiosos ao longo da história da cultura brasileira.

Título: *Modos de homem & modas de mulher*

Autor: FREYRE, Gilberto

Local/Editora/Ano: Rio de Janeiro: Record, 1987.

Livro clássico de Gilberto Freyre que aborda, de uma perspectiva antropológica e histórica, diversos ângulos do comportamento e das representações da mulher em nossa cultura. O livro trata de aspectos como: moda; bronzeado; mulher ornamental; sinhas e mucamas; cor morena; imagem do corpo feminino na arte; imponência das formas corporais; exibição de pernas e seios; excessos artificializantes; morenidade; as modas, as idades e o envelhecimento, entre outros.

Título: *Casa Grande & Senzala*

Autor: FREYRE, Gilberto

Local/Editora/Ano: São Paulo: Global, 2006.

Publicada originalmente em 1933, é uma das obras mais importantes para o entendimento da sociedade brasileira. As questões associadas ao corpo ocupam lugar central no raciocínio do autor.

Título: *Sobrados e mucambos*

Autor: FREYRE, Gilberto

Local/Editora/Ano: São Paulo: Global, 2003.

Publicada originalmente em 1936, pretende compreender a formação do fenômeno urbano no Brasil. As transformações das práticas e concepções corporais têm lugar de relevo na arquitetura da obra.

Título: *Corpo e cultura*

Autor: GARCIA, Wilton; LYRA, Bernadette (orgs.)

Local/Editora/Ano: São Paulo: Xamã, 2001.

O livro trata das relações entre corpo e cultura. É uma coletânea cujos textos analisam o corpo como lugar de expressão e configuração de práticas sociais, categorias discursivas e ideologias que marcam e sinalizam os corpos, evidenciando emoções subjetivas e representações culturais que expressam afeto, erotismo, gênero, desejo, sexualidade e libido.

Título: *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*

Autor: GOLDENBERG, Mirian (org.)

Local/Editora/Ano: Rio de Janeiro: Record, 2002.

Coletânea que analisa, do ponto de vista antropológico, o corpo em diferentes contextos sociais e quadros ideológicos da sociedade brasileira contemporânea, particularmente no Rio de Janeiro. Os diferentes artigos tratam de temas como o valor das formas do corpo, a corpolatria carioca, a cirurgia plástica e os anabolizantes como buscas de ideais de beleza, a exposição do corpo na praia, a construção da beleza, a raça e a publicidade.

Título: *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*

Autor: HEILBORN, Maria et al. (orgs.)

Local/Editora/Ano: Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006.

O livro apresenta os resultados de uma pesquisa que aconteceu em três grandes centros urbanos brasileiros (Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador), tendo como referências principais as questões de sexualidade e de gravidez na adolescência.

Título: *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*

Autor: KULICK, Don

Local/Editora/Ano: Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

Trata-se de uma pesquisa de campo de inspiração etnográfica realizada pelo método de observação participante com travestis da cidade de Salvador. Contém uma excelente exposição e discussão das principais teorias sobre gêneros nas ciências sociais.

Título: *O corpo feminino em debate*

Autor: MATOS, Maria Izilda; SOIHET, Rachel

Local/Editora/Ano: São Paulo: Unesp, 2003.

Coletânea de pesquisadores brasileiros e europeus que analisa o corpo feminino como material ideológico, sobre o qual incidem, tanto um complexo imaginário cultural, quanto práticas sociais concretas. O livro investiga a construção das diferentes representações do corpo feminino nos discursos médico, legal, religioso, midiático, cotidiano, artístico e literário em um eixo histórico e cultural que compreende a Antiga Grécia, o Renascimento e a sensualidade feminina presente nas festas populares do Brasil.

Título: *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*

Autor: QUEIROZ, Renato da Silva (org.)

Local/Editora/Ano: São Paulo: Ed. Senac, 2000.

O livro é uma coletânea que debate as formas pelas quais a cultura brasileira elabora e constrói o corpo, sobretudo em suas dimensões estética e em seus padrões de beleza. Os artigos do livro discutem os fatos de natureza biológica perspectiva antropológicas, sociológicas e psicológicas, e tratam de temas como: os condicionamentos culturais, psicológicos e biológicos na definição da estética corporal e da beleza facial; a ética e a estética da linguagem corporal na sociedade brasileira; a beleza da mulher e a literatura brasileira; a beleza do corpo entre os índios brasileiros, entre outros.

Título: *Corpo, mulher e sociedade*

Autor: ROMERO, Elaine (org.)

Local/Editora/Ano: Campinas: Papirus, 1995.

Coletânea de estudos sobre o corpo e seus significados culturais através de uma visão antropológica e psicológica. Nos artigos, são desenvolvidas temáticas diversas sobre o corpo feminino, tais como sua relação com a cultura, os processos histórico-culturais de construção do corpo da mulher, os detalhes do corpo feminino e a construção de novos territórios de subjetividade, a participação da adolescente brasileira em esportes e atividades físicas como forma de lazer, a arquitetura do corpo feminino e a produção de conhecimento.

Título: *Em nome do corpo*

Autor: VILLAÇA, Nisia; GOES, Fred

Local/Editora/Ano: Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Livro que analisa o corpo sob a ótica psicanalítica, trabalhando os aspectos culturais do corpo e sua relação com a subjetividade. Investiga a tensão entre finitude e perfeição, examinando as possibilidades do corpo em sua busca cultural pelos ideais, mitologias, mutilações, modificações e fabricações. O corpo expressa uma ideologia do consumo, implicando tanto em desejo de plasticidade corporal quanto em experiência do dilema entre esforço e aparência desejada

6.2. Textos complementares

Em ordem alfabética por sobrenome dos autores:

BARROS, Myriam; PRADO, Rosane. *Perspectivas antropológicas da mulher 2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro - Século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

CAIRO, Cristina. *Linguagem do Corpo* (vol 1). São Paulo: Mercuryo, 1999.

_____. *Linguagem do Corpo* (vol 2). São Paulo: Mercuryo, 2001.

CAON, Paulina. *Construir corpos, tecer histórias: educação e cultura corporal em duas comunidades paulistas*. São Paulo: Annablume, 2012.

CASTILHO, Kathia; GARCIA, Carol (orgs.). *Moda Brasil: fragmentos de um vestir tropical*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2001.

COSTA, Cristiane. *Eu compro essa mulher*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

_____. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

_____. *Mulheres no Brasil colonial*. São Paulo: Contexto, 2000.

DIAS, João. *Corpo e gestualidade: o jogo da capoeira e os jogos do conhecimento*. São Paulo: Annablume, 2012.

DURHAM, Eunice; TAYLOR, Julie; ABREU FILHO, Ovídio; ARA-GÃO, Luiz Tarlei. *Perspectivas antropológicas da mulher 3*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.

DWECK, Ruth Helena. *A beleza como variável econômica: reflexo nos mercados de trabalho e de bens e serviços*. Texto para discussão nº 618. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da belle époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura V.C.; HEIL-BORN, Maria Luiza (orgs.). *Perspectivas antropológicas da mulher 2*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

- GOLDENBERG, Mirian. *Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- _____. *Toda mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- _____. *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontro*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HEILBORN, Maria (org.). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- LUZ, Madel. *O lugar da mulher*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MALYSSE, Stéphane. "Em busca do corpo ideal: culto feminino ao corpo na zona sul do Rio". In: *Sexualidade, gênero e sociedade*, v. 7, n. 8. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, 1998.
- MARQUES, Toni. *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MEDINA, João Paulo. *O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*. Campinas: Papyrus, 1987.
- MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira; corpo e classe social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- PARKER, Richard; BARBOSA, Regina. *Sexualidades brasileiras*. Re-lume-Dumará: Rio de Janeiro, 1996.
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PENNA, Lucy. *Corpo sofrido e mal-amado*. São Paulo: Summus, 1989.
- QUEIROZ Jr., Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.
- QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeiros do século XIX*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RECTOR, Monica; TRINTA, Aluizio R. *Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *Comunicação do corpo*. São Paulo: Ática, 1995.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. "Concursos de Miss". In: *Ensaio de antropologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.
- SAFFIOTI, Heleieth; MUNOZ-VARGAS, Monica. *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

SANCHEZ, H. "A consumidora brasileira". In: *A mulher, o mercado e o consumo*. Rio de Janeiro: Sistema BNDS/ESPM, 1989.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

SEEGER, Anthony. *Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

STROZENBERG, Ilana; ROCHA, Everardo; CONTINS, Marcia (orgs.). *De corpo e alma*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986.

VIDAL, Lux. "A pintura corporal entre índios brasileiros". *Revista de Antropologia*, v. 21, 1978.

VINCENZO, Elza Cunha de. *Um teatro da mulher: dramaturgia feminina no palco brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

7. Discurso nativo

Em ordem alfabética por sobrenome dos autores:

- AGNIEL, Marguerite. *Body sculpture*. New York: Friedrichs, 1933.
- AGUILAR, Nona. *Totally natural beauty: the natural beauty treatment book*. New York: Rawson Associates, 1977.
- AKBARI, Lisa. *Black woman's guide to beautiful hair: a positive approach to managing any hair and style*. Naperville: Sourcebooks, 2002.
- ANAND, Mulk Raj; HUTHEESING, Krishna Nehru. *The book of Indian beauty*. Rutland: C.E. Tuttle Co., 1981.
- ANDREANI, Ghislaine. *Le Guide Vital pour vivre en forme*. Montrouge: Dalex, 1990.
- APPEL, Bernard. *Skin, beauty and health*. Westfield: White's Book, 1946.
- ARCANGELI, Cristiana. *Beleza para a vida inteira*. São Paulo: Senac, 2001.
- ARCHER, Alma. *Encyclopedia of beauty and charm*. New York: Hermitage Press, 1948.
- AUCOIN, Kevyn. *Making faces*. Boston: Little Brown, 1997.
- BAIKIE, Pat. *Être en pleine forme*. Paris: Gründ, 1985.
- BAILEY, Diane Carol; SMITH, Soneni B. *Natural hair care and braiding*. New York: Milady Publishing Co., 1997.
- BAILEY, Diane Carol. *Basic care for naturally textured hair: cultivating curly, coily, and kinky hair*. Albany: Delmar Learning, 2001.
- BARROS, Fernando. *Elegância: como o homem deve se vestir*. São Paulo: Negócio Editora, 1997.
- BÉRANGER, Macha. *Le faire-plaire*. Paris: Stendhal, 1991.
- BERTIN, Sylvie; PRIBYL, Yan. *Belle et naturelle: de la tête au pieds: femme du 21ème siècle*. Paris: Editions du Dauphin, 2001
- BLOCH, Phillip. *Elements of style: from the portfolio of Hollywood's première stylist*. New York: Warner Books, 1998.
- BOUDINEAU, Daniel (dir.). *Beauté pratique*. Genève: Édito-service, 1980.

- BOURGUES, Dorothée. *Soins du corps: chaque jour se sentir belle et bien dans son corps*. Paris: Hachette, 1998.
- BROWN, W. *Why 'hair' has become a four-letter word*. *Avant-Garde Magazine*, v. 12, 1970.
- BUCHMAN, Dian Dincin. *Guia da beleza natural: métodos práticos e receitas caseiras*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- CADES, Hazel Rawson. *Any girl can be good-looking*. London: D. Appleton and Company, 1927.
- CARPENTER, Deb (ed.). *Nature's beauty kit: cosmetic recipes you can make at home*. Golden: Fulcrum Pub., 1995.
- CASTRO, Inês de. *Etiqueta da beleza: o guia do comportamento íntimo das mulheres*. São Paulo: Panda Books, 2000.
- CHANDET, Élisabeth. *Beauté-succès*. Paris: Édi-Presses, 1986.
- CHASE, Heather. *Beauty without the beasts: a guide into cruelty-free personal care*. New York: Lantern Books, 2001.
- CORAZZA, Sonia. *Beleza inteligente*. São Paulo: Madras, 2001.
- CORDWELL, Miriam; RUDOY, Marion. *Hair design and fashion: principles and relationships*. New York: Crown Publishers, 1991.
- CORSON, Richard. *Fashions in make-up*. London: Peter Owen, 1972.
- CORNILLE, Paule; CAUTHERY, Philip. *Santé, beauté, sexualité*. Paris: C.I.L., 1982.
- D'ANGINA, Rosina. *Beleza natural: saúde e beleza com produtos naturais*. São Paulo: Ícone, 1992.
- DEBOURSE, Marie-Christine; BERARD, Léone. *La superforme au jour le jour: votre gymnastique, votre beauté, votre diététique en 1000 conseils pratiques*. Paris: Mengès, 1983.
- DEDERIAN, Babbie. *How to have beautiful breasts at any age*. New York: St. Martin's Paperbacks, 1991.
- DE LUCA, Márcia. *A idade do poder: transformação, saúde e beleza para a mulher*. São Paulo: Tornado, 2002.
- DEMOUY, Vanessa. *Taille mannequin: suivez le guide*. Paris: Les Bons Amis, 1995.
- DUARTE, Albertina. *O prazer de ser mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- EATON, Ann; OPENSHAW, Florence. *Cosmetic make-up and manicure: the art and the science*. Essex: Longman Scientific & Technical, 1988.

- EKLAND, Britt; RUSSELL, Sue. *Sensual beauty and how to achieve it*. London: Sidgwick & Jackson, 1984.
- EFTHYMIUO, Marie-Louise. *Toxicité des insecticides, toxicité des cosmétiques*. Paris: Ellipses, 1996.
- ÉLIA, David; DOUCET, Geneviève. *La femme et son corps: "700 réponses"*. Paris: Club français du livre, 1979.
- EVANS, Linda. *Les secrets de la forme et de la beauté*. Paris: M. Lafon, 1989.
- FELIX, Karin. *Belle et en forme: alimentation, beauté, santé, relaxation*. Paris: Solar, 1990.
- FERREIRA, Marcus Castro. *Beleza e bisturi: o que as cirurgias estéticas podem (e o que não podem) fazer por você*. São Paulo: MG Editores Associados, 1997.
- FONDA, Jane. *Ma nouvelle méthode, gymnastique et diététique*. Paris: R. Laffont, 1987.
- FONSECA, Marie-Louise Vidal de. *Les atouts de la beauté*. Paris: Dargaud, 1982.
- FRONTY, Laura. *Mes trucs de beauté et de santé*. Belgique: Allieur, 1986.
- GAINES, Carene Vandersall. *Secrets of beauty and charm*. Los Angeles: The Concord Press, 1936.
- GLAMOUR MAGAZINE. *Glamour's beauty & health book*. By the editors of Glamour magazine. New York: Simon and Schuster, 1972.
- GOLDBACH, Angela. *De bem com a vida: sinta o prazer de ser mulher*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- GOLIK, Vera. *A descoberta da beleza*. São Paulo: Abril, 1992.
- GOURNAY, Constance et al. *Le guide de la beauté: techniques et astuces: tout savoir pour les appliquer*. Sèvres: La Sirène, 1994.
- GRAHAM, Jean Ann; WALLACE, Louise M. (eds.). *The complete mind & body book: total bodycare*. New York: Simon & Schuster, 1990.
- GREGG, Christina. *Beauty my way*. Redhill: Van Dyke Books, 1977.
- HARPER, Ann; LEWIS, Glenn. *The big beauty book: glamour for the fuller-figure woman*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1983.
- HARRIS, Anthony. *Your body*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1982.
- HINDS, Patricia Mignon (ed.). *Essence total makeover: body, beauty, spirit*. New York: Crown Publishers, 1999.
- IRONS, Diane. *Os mais bem guardados segredos de beleza: o que realmente funciona em tratamentos de beleza, moda e dieta*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

- KAMEL, Dilson; KAMEL, José Guilherme N. *A ciência da beleza*. Rio de Janeiro: Sprint, 1991.
- KAY, Mary. *Inside beauty: the ultimate guide to looking your best*. Chicago: Triumph Books, 1992.
- KURTZ, Ron; PRESTERA, Hector. *O corpo revela: um guia para a leitura corporal*. São Paulo: Summus, 1989.
- LACOSTE, Sophie. *Trucs et astuces de beauté*. Paris: Marabout, 2001.
- LATINA MAGAZINE. *Latina beauty: a get-gorgeous guide for every mujer*. The editors of Latina magazine and Belén Aranda-Alvarado. New York: Hyperion, 2000.
- LEE, Helen. *O tao da beleza: segredos chineses de ervas para você se sentir bem e ficar bonita*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- LEE, Virginia. *The new way to beauty*. Baltimore: S/E, 1929.
- LEIGH, Michelle Dominique. *Beleza japonesa: segredos de saúde e beleza natural*. São Paulo: Best Seller, 1992.
- _____. *The new beauty: east-west teachings in the beauty of body & soul*. New York: Kodansha International, 1995.
- LELEU, Gérard; POISSON, Jean-Noël. *Modelez votre corps: méthode Sagyta*. Paris: Encre, 1982.
- MACEDO, Otávio Roberti. *A ciência da beleza: um médico ensina como manter a saúde e a juventude de sua pele*. São Paulo: Marco Zero, 1989.
- MARQUES, Heloisa Moraes C. *Alimentação e beleza: recursos naturais para saúde, nutrição e cosmética*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.
- MARY KAY COSMETICS. *The Mary Kay guide to beauty: a personal guide to looking and feeling your best*. Reading: Addison-Wesley, 1986.
- MCFARLAND, Kathy. *Real life beauty: makeovers for real-life women*. Cleveland: Advanstar Communications, 1995.
- MEREDITH, Bronwen. *Être belle pour la vie*. Paris: Diffusion Interforum, 1986.
- MEREDITH, Bronwen; VIERNE, Béatrice. *Le livre de la beauté*. Paris: Éditions du Fanal, 1980.
- MILO, Mary. *Guide to beauty; your hair, your face, your figure*. New York: Family Circle inc., 1964.
- MOLINOS, Duda. *Maquiagem*. São Paulo: Ed. Senac, 2000.
- MORGAN, Peggy. *O corpo da mulher: o guia completo para a boa saúde em qualquer idade*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

- NASCIMENTO, Leninha; PESSOA, Áurea. *Beleza: desafios e conquistas da ciência e da tecnologia*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1999.
- NAUD, Geneviève. *Beauté corporelle: tous les produits et les applications*. Paris: EDDL, 1999.
- NORTON, Sally; SHAPLAND, Kate; WADESON, Jacki. *Como conquistar a beleza definitiva*. Erechim: Edelbra, 1996.
- PACHECO, Héliida. *Belleza & estilo para la mujer de hoy*. Santafé de Bogotá: Circulo de Lectores, 1999.
- PASCOLATO, Costanza. *O essencial: o que você precisa saber para viver com mais estilo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- PEREIRA, Gilberto. *O corpo e seus tratamentos de beleza e saúde*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- PERROGON, François. *Le guide de l'esthétique*. Paris: Denoël, 1991.
- PONS-GUIRAUD, Annik; VIGAN, Martine. *Allergies et cosmétiques*. Paris: Expansion Scientifique Française, 2002.
- PRINCIPAL, Victoria. *Les principes de Victoria: vivre belle*. Paris: M.A. Éditions, 1983.
- RAYJAL, Michèle; BONTEMPS, Michel. *Comment rester jeune, belle et en bonne santé après 40 ans: encyclopédie des secrets de jeunesse et de santé des plus belles femmes du monde*. La Ferrière-sur-Risle: Godefroy, 1995.
- RAYJAL, Michèle. *Mes secrets de beauté: mes recettes naturelles*. Paris: Jean-Lamour, 1994.
- REAL, María Eloísa Alvarez. *Guía práctica para la mujer*. Panamá: Editorial América, 1988.
- RIEHL, Catherine. *A corps parfait ou le guide pratique de l'esthétique*. Paris: Artulen, 1992.
- RIGGS, Maribeth. *Guia feminino de saúde e beleza: receitas caseiras com ervas e ingredientes naturais*. São Paulo: Angra Editora, 2000.
- SAGGIORO, Karla. *Bella: guia práctico de beleza e boa forma*. São Paulo: Senac, 1999.
- SHEFER, Dorothy. *What is beauty? New definitions from the fashion vanguard*. New York: Universe Books, 1997.
- SILLAM, Bernard. *Beauté sur ordonnance: les victoires d'une nouvelle médecine*. Paris: Hachette, 1985.
- STAEHLE, Jacques. *Guide pratique d'esthétiques naturelles*. Dijon: Nature, beauté, santé, 1981.

- STAIANO, John. *Looking good, feeling beautiful: the Avon book of beauty*. New York: Simon and Schuster, 1981.
- STEINER, Denise. *Problemas da pele*. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. *Beleza levada a sério*. São Paulo: Celebris, 2003.
- STEINHART, Lawrence M. *Segredos de Edgar Cayce sobre beleza e saúde: um guia essencial para a saúde do corpo e da mente levando à beleza física e espiritual*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- STOPPARD, Miriam. *O corpo da mulher: um guia para a vida*. São Paulo: Círculo do Livro, 1996.
- _____. (org.). *O livro da beleza: como tratar bem do seu rosto e do seu corpo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.
- TAYLOR, Mikki; O'NEAL, Maureen (ed.). *Self-seduction: your ultimate path to inner and outer beauty*. New York: Ballantine Books, 2003.
- TEXIER, Jean; DEMEILLES, Lucien. *Visa pour la beauté: philosophie de la culture physique au féminin, diététique-santé*. Paris: Jibena, 1980.
- THENAULT-MONDOLONI, Magdeleine. *La beauté, ma compagne*. Poitiers: Pont-Neuf, 1999.
- TINGHERIAN, Catherine. *Soins du corps*. Paris: Hachette, 2003.
- THOMPSON, Jacqueline. *Image impact: the aspiring woman's personal packaging program*. New York: A & W Publishers, 1981.
- VARTAN, Sylvie. *Beauty book*. Paris: Librairie Générale Française, 1987.
- WILLIAMS, Jacqueline. *The handbag book of girly emergencies*. San Diego: Laurel Glen, 2001.
- YUFON, Christine. *Toda mulher pode ser bonita: guia de valorização pessoal*. São Paulo: Gente, 1998.
- ZANI, Rolando. *Beleza e auto-estima: atraente em qualquer idade*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- _____. *Beleza e rejuvenescimento: métodos e técnicas*. São Paulo: Saraiva, 1994.
- _____. *Beleza, saúde e bem-estar*. São Paulo: Saraiva, 1995.
- _____. *Plástica: quando? por quê?* São Paulo: Manole, 2001.
- _____. *Bonito é ser você!* São Paulo: Gente, 2002.
- ZAULI, Anna Elvira; CRUZ, Cláudia. *Como produzir-se em 2 horas: guia da beleza caseira*. São Paulo: Azul, 1989.

Em ordem alfabética por sobrenome dos autores:

8.1. Ciências sociais

ARAÚJO, Mônica. *O corpo atlético da pessoa com deficiência: uma etnografia sobre corporalidade, emoção e sociabilidade entre nadadores paraolímpicos*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2011.

BARROS, Miriam Moraes Lins de. *Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1980.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1988.

BLÁZQUEZ, G. *Mirar/olhar: una aproximación etnográfica de las arenas de Copacabana*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1997.

BOUZÓN, Patrícia. *Construindo identidades: um estudo etnográfico sobre a manipulação da aparência em salões de beleza na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2010.

FERNANDES, Silvia Regina Alves. *“Vinho novo odres velhos?”: uma análise da vida religiosa feminina na modernidade contemporânea*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

FERREIRA, Elizabeth Fernandes Xavier. *Mulheres, militância e memória*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1996.

FIGUEIREDO, A. *Beleza pura: símbolos e economia ao redor do cabelo do negro*. Salvador: UFBA, 1994.

FREMLIN, Peter. *Corporalidades de Chumbados: uma etnografia de pessoas com deficiências físicas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2011.

GONÇALVES, Isabela. *Cortes e Costuras: um estudo antropológico da cirurgia plástica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2001.

GUIMARÃES, Ana Lúcia. *Mulheres no mundo dos negócios: um estudo da redefinição das relações de gênero no universo trabalhístico*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

HONÓRIO, Maria das Dores. *“Botar corpo”: um estudo sobre corpo e sexualidade com meninas de camadas populares*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006

8. Dissertações e teses

HOPPE, Sigrid. *Produção corporal da mulher que dança*. Rio de Janeiro: UFF, 2000.

JUER, Ester. *A forma da forma: um estudo de corpos e gênero*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

LEAL, Regina Bonka. *Os significados de beleza corporal: a influência do consumo na construção do conceito por mulheres frequentadoras de academias em Curitiba*. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2007.

LEITÃO, Débora Krischke. *O corpo ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

LOPES, Paulo. *Mulher e diferença cultural em uma revista feminina popular*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2011.

LUCINDA, Maria. *Subjetividade e Fronteiras: uma antropologia da manipulação da aparência*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2004.

MOTTA, Maria Inês Fernandes. *Bandeirantismo no Brasil: um estudo de caso sobre mulher e modernidade*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1988.

MUNIZ, Jacqueline de Oliveira. *Mulher com mulher dá jacaré: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1992.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti. *Tempo de mudança: o trabalho de escritório sob novas configurações e antigos formatos (os dilemas da cidadania das mulheres)*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997.

PRADO, Rosane Manhães. *Mulher de novela e mulher de verdade: estudo sobre cidade pequena, mulher e telenovela*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1987.

PUPPIN, Andréia Brandão. *Do lugar das mulheres e das mulheres fora de lugar: um estudo das relações de gênero numa empresa petrolífera*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998.

SABINO, C. *Os marombeiros: construção de corpo e gênero em academias de musculação*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2000.

SILVA, Ana. *Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2004.

SILVA, Patrícia Fernanda Gouveia da. *Uma mulher de verdade: estudo sobre a identidade feminina entre grupos populares*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

SOARES, Barbara Musumeci. *Mulheres invisíveis: violência familiar e formações subjetivas*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997.

RUSSO, Jane Araújo. *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1991.

TEIXEIRA, Carla Costa. *O mundo das mulheres: uma investigação sobre o movimento feminista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1991.

8.2. Comunicação

ABREU, Leandro. *O auto-retrato como espetáculo e controle na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

ALVARENGA, João. *A produção midiática do corpo esportivo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

BAHIENSE, Rodrigo. *Telefone móvel enquanto produção de subjetividade: corpo, juventude, técnica e mercado*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

BASTOS, Larissa. *Corpografias: entre o analógico e o digital*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

BRAGA, Camila. *Anas e Mias: Subjetividade, corpo e cuidado nos blogs pró-ana e pró-mia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

BRASIL, Maria Lúcia Jardim de Souza. *O ideal feminino e os meios de comunicação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

CARVALHO, Mônica. *Obesidade e pobreza na imprensa: epidemiologia de uma questão social*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

COSTA e SILVA, Fernanda. *Homem-máquina: imaginários tecnológicos e reinvenções do corpo e da mente*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

DE CARLI, Ana Mery Sehbe. *Corpo no cinema: variações do feminino*. São Paulo: PUC-SP, 2007

LEITE, Cecília. *Reality Shows de intervenção corporal: mídia, corpo e tecnologia na atualidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

MAYER, Alice. *Nos limites da comunicação e da expressão: histórias possíveis... corpos urgentes*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

MORGENSZTER, Silvia Fani. *O mito da nova mulher*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1984.

OLIVEIRA, Cláudio. *A capitalização da esperança: células-tronco, performances do sofrimento e representações de futuro na comunicação midiática*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

OLIVEIRA, Elaine. *Belezas digitais: as representações femininas e as novas tecnologias de comunicação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

PEREIRA, Ana Maria Lopes. *Coração feminino: análise de seção de cartas em duas revistas femininas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

SARDINHA, Dione. *Mídia e produção do sentido corporal*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SOARES, Regina. *A narrativa das joias e o processo de sua comunicação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

TRINDADE, Azoilda. *A formação da imagem da mulher negra na mídia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

VAENA, Magnus. *Fotografia de moda e medições socioculturais: uma perspectiva histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

8.3. História

AMARAL, Patrícia Loyola. *Entre a cruz e o progresso: o processo de normatização do comportamento feminino no Rio de Janeiro republicano (1890-1916)*. Niterói: UFF, 1998.

BRUST, Monique da Motta. *Os testemunhos do corpo: a construção da imagem do corpo indígena no Brasil Colonial (século XVI e XVII)*. Niterói: UFF, 2003.

CERBINO, Ana Beatriz Fernandes. *Cenários Cariocas: o ballet da juventude entre a tradição e o moderno*. Niterói: UFF, 2007.

COSTA, Sylvia Maria. *Ego e outro: uma apreensão do corpo - o masculino e o feminino no discurso médico do Rio de Janeiro (1838-1887)*. Niterói: UFF, 1989.

MAGALDI, Ana Maria. *Mulher, ofício e missão: os mundos do feminino nos romances de Machado de Assis e Aluísio Azevedo*. Niterói: UFF, 1990.

MARQUES, Rita de Cássia. *É preciso ser piedoso: a imagem social do médico de senhoras - Belo Horizonte (1907-1939)*. Niterói: UFF, 2003.

- PINHEIRO, Anna Marina Madureira de Pinho Barbará. *Igreja Católica, medicina e imprensa feminina: representações sobre o corpo da mulher no Brasil Republicano*. Niterói: UFF, 2005.
- RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *Moda e revolução nas páginas do “Correio da Manhã”: Rio de Janeiro 1960-1970*. Niterói: UFF, 2012.
- RIBEIRO, Luis Filipe Miranda de Souza. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: UFF, 1994.
- SCHWEINBERGER, Maria Luiza Tomasi. *A mulher no espelho de Cristina: estudo das representações femininas no final da Idade Média (séculos XV e XVI)*. Niterói: UFF, 2002.
- SILVEIRA, Marta de Carvalho. *As penalidades corporais e processo de organização do poder monárquico Afonsino (1254-1284)*. Niterói: UFF, 2012.
- VENÂNCIO, Giselle Martins. *Mulher, política e trabalho: contando uma outra história*. Niterói: UFF, 1996.

8.4. Psicologia

- ALVARENGA, Lúdia Levy de. *Entre sujeito e objeto: de como a entrada na condição de mãe afeta o sujeito-mulher*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1996.
- BARRETO, Neilza Alves. *“Se ele pode, por que eu não?”: um estudo sobre o discurso médico e os modos de subjetivação da mulher*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001.
- BELLI, Angelina de. *Mulheres profissionais/crianças profissionais: um estudo da subjetivação da mulher e da criança na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1996.
- BRITO, Carlos Eduardo Duarte Alves de. *O corpo como construção imaginária: repensando as psicoterapias corporais*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1998.
- CARNEIRO, Cristiana. *A insustentável plenitude da beleza: um estudo psicanalítico sobre a mulher e o consumo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1997.
- CARVALHO, Maria Clara Borba. *A questão do “corpo” e sua articulação com o tema do “feminino” em psicanálise*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1990.
- CECCHETTI, Renata Franco. *O corpo marcado: sobre a dor de manter coesas as fronteiras corporais*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.

- DANIELS, M.C. *Traços físicos, imagens sociais: representações da feiúra*. São Paulo: Unicamp, 1999.
- FRANCISCO, Ana Lúcia. *Análise da vivência de tempo e de espaço interno da mulher*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1983.
- FURTADO, Ana Maria. *Um corpo que pede sentido: um estudo sobre a menopausa*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2000.
- GOULART, Marcela Torres Aldigueri. *Anorexia nervosa: uma leitura psicanalítica*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.
- LIMA, Suzana Canez da Cruz. *Trabalho doméstico: uma trajetória silenciosa de mulheres*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.
- MALYSSE, Stéphane. *Corps à corps: regards français dans la corporaltrie bresilienne*. Paris: EHESS, 1999.
- MARANHÃO, Rosa Maria Carvalhal Silva. *A construção social da mulher: papéis divergentes e conflitos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1984.
- MENDONÇA, Terezinha. *Discursos masculino e feminino: uma análise através da música popular brasileira*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1982.
- NEGREIROS, Teresa Creusa Góes Monteiro. *A “nova” mulher em processo de envelhecimento: confrontos e conflitos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1996.
- NOVAES, Joana de Vilhena. *Perdidas no espelho? Sobre o culto ao corpo na sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001.
- PACHECO, Ana Lucia Paes de Barros. *O trabalho feminino e sua influência no cotidiano da mulher moderna*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- PELLICER, Renata Parisi Ribeiro. *O velho corpo da mulher: representações corporais do envelhecimento feminino - um estudo exploratório*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: algumas estratégias de controle da mulher sobre a família*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1992.
- ROCHA, Ana Paula Brandão. *Dois é bom, três é demais?: um estudo sobre a relação conjugal e o primeiro filho, em um contexto de acelerada mudança cultural, a partir do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1993.
- RODRIGUES, Amanda Fonseca. *O corpo na constituição do psíquico*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.
- SANTOS, Maricy Beda Siqueira. *A saúde no plural: mulheres e práticas cotidianas de cuidados com o corpo*. Rio de Janeiro: UERJ, 1982.

